



Programa de Gênero e Religião

Teologia Feminista e de Gênero

na Faculdades EST

A construção
de uma área do
conhecimento

André S. Musskopf

Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST

A construção de uma área do
conhecimento

© Centro de Estudos Bíblicos
Todos os direitos reservados

Revisão
Nelson Kilpp

Capa
Rodrigo Fagundes

Editoração
Rafael Tarcísio Forneck

M989t Musskopf, André S.
Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST. A construção de uma área do conhecimento. / André S. Musskopf.
– São Leopoldo: CEBI, 2014.
129 p.
ISBN 978-85-7733-238-0

1. Teologia feminista. 2. Estudo de gênero. 3. Faculdades EST – Produção acadêmica. I. Título.

CDU 21-055.2

Catálogo: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil - CRB 10/1184

Centro de Estudos Bíblicos – CEBI
Rua João Batista de Freitas, 558
Caixa Postal 1051
93121-970 São Leopoldo/RS
Tel.: (051) 3568.2560
Fax: (051) 3568.1113
vendas@cebi.org.br
www.cebi.org.br

Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST

A construção de uma área do
conhecimento

André S. Musskopf



2015

A pesquisa que deu origem a esse livro foi financiada pela
Igreja da Suécia

e a sua publicação em forma de livro teve o apoio da
ICCO/Kerk in Actie

Para
Wanda Deifelt
Elaine Neuenfeldt
Marga Ströher
Márcia Paixão

Agradecimento especial a
Marcia Blasi
e Tiago Ademir Graube

Sumário

Apresentação	11
Faculdades EST, Teologia Feminista e Estudos de Gênero	15
Faculdades EST	16
Teologia Feminista e Estudos de Gênero	22
Teologia Feminista e Estudos de Gênero na Faculdades EST	27
Produção Teológica Feminista e de Gênero na Faculdades EST (1991-2012)	33
Trabalhos acadêmicos produzidos antes de 1991	41
Bacharelado em Teologia	44
Produção Teológica Feminista e/ou de Gênero	54
Mestrado em Teologia.....	57
Conclusões preliminares	58
Trabalhos acadêmicos produzidos no Bacharelado em Teologia (1991-2012)	61
Dados gerais	63
Produção Teológica Feminista e/ou de Gênero	80
Conclusões preliminares	83

Monografias, dissertações e teses produzidas no Programa de Pós-Graduação em Teologia (1991-2012).....	87
Monografias	89
Dissertações de Mestrado.....	90
Teses de Doutorado	98
Produção Teológica Feminista e/ou de Gênero	103
Conclusões preliminares	106
Produção Teológica Feminista e/ou de Gênero na Faculdades EST (1991-2012)	109
Produção teológica não-feminista e/ou de gênero	110
Produção teológica com presença significativa de mulheres nas referências	111
Produção teológica que inclui a discussão sobre gênero/ feminismo	113
Produção teológica sobre questões de gênero.....	114
Produção teológica feminista e/ou de gênero	117
Trabalhos acadêmicos do Bacharelado em Teologia	123
Dissertações de Mestrado em Teologia	125
Teses de Doutorado em Teologia.....	128

Apresentação

Se você é teóloga feminista ou trabalha com questões de gênero em qualquer outra área do conhecimento, o material apresentado nesse livro não soará como novidade e pouco lhe surpreenderá. Muitos dos dados levantados pela pesquisa fazem parte do nosso cotidiano e conhecemos bem as estruturas e mecanismos que os produzem. Para nossa alegria, no entanto, o principal objetivo desse livro é dar visibilidade a uma produção científica nem sempre conhecida, muitas vezes ignorada – aquela que produzimos D*s sabe a que preço.

O lugar para realização dessa investigação foi escolhido precisamente por sua reconhecida trajetória nessa discussão. A atuação de estudantes mulheres questionando-se sobre o seu lugar na formação teológica e atuação na Igreja trouxeram essas temáticas para dentro da instituição e deram sustentação ao debate revelado numa ampla e rica produção. A contratação de docentes mulheres (e feministas) garantiu o seu reconhecimento institucional a partir de apoio financeiri-

ro externo. Depois de 21 anos (e mais) é possível perceber a constituição de uma área de conhecimento nascida da luta de mulheres pelo seu espaço e pela fé na transformação das estruturas de exclusão, marginalização e opressão. Esse livro e a pesquisa que deu origem a ele buscam ser uma contribuição na consolidação dessa área bem como um convite a reflexão sobre suas conquistas e desafios.

Em certo sentido, o que motivou o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada foi a preocupação com os rumos da produção teológica feminista e/ou de gênero na Faculdade EST e para além dela. Essa reflexão poderia ser estendida para outras áreas e temáticas marginais da produção do conhecimento – pelo menos aquele oficialmente reconhecido, validado e normativo. A redução do apoio financeiro externo e as mudanças conjunturais de várias ordens fazem emergir perguntas sobre o lugar dessa reflexão e as condições de sua produção, tanto por parte de docentes como de estudantes de todos os níveis. Estamos num momento em que a reflexão teológica feminista e/ou de gênero não se faz mais necessária, foi incorporada à produção teológica mais ampla ou simplesmente saiu de moda? Onde estão as teólogas feministas que nos inspiraram e aquelas que foram se formando conosco no caminho? Cátedra ou não Cátedra, Programa ou não Programa, eis apenas uma das questões.

Pelo menos desde meados dos anos 2000 os recursos externos para financiamento do projeto Cátedra de Teologia Feminista foram sendo reduzidos. Duas docentes que atuavam nesse projeto saíram da instituição e outras duas que já

atuavam na instituição assumiram o novo projeto “Programa de Gênero e Religião”. Menos horas de atividades, menos recursos para atividades, precarização das condições gerais de trabalho nessa área. Um novo momento da Igreja, da sociedade, um novo momento da teologia. Meus heróis morreram de overdose e os meus amigos estão no poder.

No que se segue inúmeros dados são apresentados com relação à produção teológica feminista e/ou de gênero na Faculdades EST. O primeiro capítulo busca contextualizar esses dados apresentando informações históricas consideradas relevantes para uma melhor compreensão dos dados. O foco da pesquisa original era o período de 1991 (ano de criação da Cátedra de Teologia Feminista) a 2012. O segundo capítulo, no entanto, dá um passo atrás para perceber de que forma a discussão existente na instituição e fora dela se manifesta na produção de trabalhos acadêmicos e pesquisas. Nos capítulos seguintes são apresentados os dados sobre os trabalhos acadêmicos produzidos no Bacharelado em Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Teologia (Mestrado e Doutorado). No último capítulo esses dados são analisados a partir de categorias de classificação que buscam identificar a produção teológica feminista e de gênero presente nesses materiais.

Apesar do grande número de dados, informações, gráficos, tabelas, a intenção desse livro não é fundamentalmente responder a todas as perguntas levantadas. Ainda que a pergunta inicial da pesquisa seja, de certa forma, respondida, a divulgação dos resultados em livro tem muito mais o objetivo de provocar questionamentos ou pelo menos suspeitas. Que

tipo de teologia estamos produzindo e para quem? Quais são as perguntas a que nossas pesquisas respondem e que impacto as respostas que conseguimos dar, mesmo que provisórias, contribuem para experiências de paz e justiça? De que forma, nós, teólogos e teólogas, pessoas comprometidas com a transformação social necessária para que essas experiências se tornem reais e concretas no cotidiano, ajudamos a manifestar a força sagrada da qual pretendemos falar?

Não menos importante, essa publicação tem como objetivo dar “publicidade” a uma ampla e variada produção teológica desenvolvida na Faculdades EST e muitas vezes mantida na invisibilidade, inacessível a estudantes, pesquisadoras e pesquisadores de outros lugares, ausente dos catálogos das editoras. Ao fazê-lo quer revelar e contribuir na construção e consolidação dessa área do conhecimento: a teologia feminista e/ou de gênero.

São Leopoldo, julho de 2014.

Faculdades EST, Teologia Feminista e Estudos de Gênero

A *Faculdades EST* é uma Instituição de Ensino Superior de formação acadêmica e pesquisa científica nas áreas de graduação, pós-graduação, ensino profissionalizante e extensão no campo das ciências humanas, sociais aplicadas, linguística, letras, artes e saúde. Está vinculada à Rede Sinodal de Educação e identificada com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).¹ Além de ser um centro de formação conceituado em sua área na América Latina, tem também uma importante trajetória na discussão teológica feminista e de gênero. Considerando que o objetivo desse livro é apresentar a produção teológica feminista e de gênero desenvolvida na instituição, é importante situar a emergência e o desenvolvimento dessa produção no contexto mais amplo no qual está inserida, bem como no contexto da reflexão teológica em

1 FACULDADES EST. *Apresentação*. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/conheca-a-est/apresentacao>>. Acesso em: 5 jul. 2014.

geral e da teologia feminista e de gênero em específico para além dos seus muros. Isso permitirá visualizar não apenas a produção de maneira isolada, mas refletir e avaliar sobre as condições nas quais ela foi desenvolvida e os desafios que coloca para o contexto atual.

FACULDADES EST

A Faculdades EST nasceu da necessidade de formação teológica para pastores que atuavam junto às comunidades de imigrantes alemães no Brasil. Esse já era um tema de debate desde a segunda metade do século XVIII. Em 1909 foi fundado um estabelecimento para a formação de professores primários. Em 1921 iniciou-se um curso de formação humanística de 2º grau preparatório para a formação teológica que deu origem ao Instituto Pré-Teológico (IPT) criado em 1927 em São Leopoldo. Em 1940 foi realizado o primeiro curso teológico propedêutico com duração de três semestres, interrompido de 1942 a 1945 quando o Brasil declarou guerra à Alemanha e os estudantes do curso foram enviados como substitutos para as comunidades.² Em 26 de março de 1946 foi criada a Escola de Teologia pelo Sínodo Rio-Grandense.

Ligada desde o início às comunidades formadas por imigrantes alemães que começaram a chegar ao Brasil em 1824,

2 FISHER, Joachim. Breve História da Faculdade de Teologia. In: HOCH, Lothar. *Formação teológica em terra brasileira* – Faculdade de Teologia da IECLB 1946-1986. Edição Comemorativa. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades de Teologia da IECLB, 1986. p. 18-21.

a Escola de Teologia foi criada antes mesmo da unificação dos Sínodos que vieram a compor a Igreja Evangélica no Brasil (Federação Sinodal) em 1949. De certo modo, foi um elemento importante na consolidação dessa união que viria a configurar a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), nome assumido no 2º Concílio da Federação Sinodal ocorrido em 1954.³ Assim, a partir de 1958, a administração da Escola de Teologia foi transferida do Sínodo Rio-Grandense para a IECLB, assumindo o nome de Faculdade de Teologia.

A criação de um Curso/Escola/Faculdade de Teologia teve o claro objetivo de garantir a formação teológica de pastores para atuar nas comunidades teuto-evangélicas. Alguns pastores vieram para o Brasil nos primeiros anos da imigração e eram pagos pelo governo brasileiro ou pelas sociedades privadas de colonização. Também houve envio localizado de pastores por igrejas e sociedades missionárias da Alemanha para algumas regiões do Brasil. Mesmo assim, segundo Martin N. Dreher, “nos primeiros quarenta anos, i. é, de 1824 a 1864, nenhuma organização alemã enviou pastores a essa região”, referindo-se ao Rio Grande do Sul.⁴ Além dos pseudopastores ou “pastores livres” eleitos pelas próprias comunidades na ausência de pessoas com formação teológica, a partir de então iniciou-se um pastoreio mais intensivo patrocinado pe-

3 Veja PRIEN, Hans-Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil – Das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo, Petrópolis: Sinodal, Vozes, 2001.

4 DREHER, Marin N. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo, Porto Alegre, Caxias: Sinodal, EST, EDUCS, 1984.

las organizações Alemãs, incluindo o envio de pastores pelo programa denominado Caixa de Deus.⁵

A ideia de que era necessário oferecer formação teológica no contexto local esteve presente muito cedo.⁶ O envio mais regular de pastores e missionários por parte de organizações alemãs não resolveu as necessidades das comunidades locais e as dificuldades geradas no contexto da Segunda Guerra Mundial aprofundaram essa carência. A criação da Faculdade de Teologia foi um passo importante nesse sentido, mas os professores que atuavam na instituição continuavam vindo de fora, principalmente da Alemanha. Essa situação começou a mudar apenas no final da década de 1960, dando início a um “abrasileiramento do corpo docente”⁷ e à busca por uma “Teologia Autóctone e Contextual”⁸, no momento em que também ocorria um aumento significativo no número de estudantes (já incluindo mulheres – como se verá abaixo). Esse processo coincidiu com a instauração da ditadura militar no Brasil e em vários países da América Latina em decorrência de questões

5 Veja STUHR, Rubens. *Das Associações “Caixa de Deus” à Federação Sinodal*. Monografia. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2002. Também: WACHOLZ, Wilhelm. *Atravessem e ajudem-nos – a atuação da ‘Sociedade Evangélica de Barmen’ e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899)*. Série Teses e Dissertações. Vol. 19. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003.

6 FISHER, 1986, 18-28.

7 Expressão de FISHER, 1986, p. 28.

8 SCHÜNEMANN, Rolf. *Do gueto à participação – O surgimento da consciência sociopolítica na IECLB entre 1960 e 1975*. Série Teses e Dissertações. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal, EST, 1992. p. 48-62.

políticas, econômicas e sociais e com a emergência da Teologia da Libertação Latino-Americana⁹ e da Teologia Feminista.¹⁰

Outras mudanças ocorridas na instituição ao longo dos anos são importantes para entender o contexto da produção teológica feminista e de gênero desenvolvida entre 1991 e 2012 (período estudado para a presente publicação). Em 1984, a partir da reestruturação organizativa, a instituição passou a ser composta por cinco institutos que representavam a diversificação da formação já existente e buscada com base nas necessidades de formação por parte da Igreja¹¹. A Escola Superior de Teologia (e a sigla que se tornou conhecida a partir de então – EST) incluía: Faculdade de Teologia, Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa, Instituto de Educação Cristã (IEC), Instituto de Capacitação Teológica Especial (ICTE) e Instituto de Pastoral.¹² Ou seja, a nova configuração da EST representou uma diversificação da formação oferecida e já incluía um programa de pós-graduação em teologia.

Assim como no caso da Faculdade de Teologia, a criação do Instituto de Pós-Graduação (IPG) da IECLB buscou responder à demanda de docentes e do desenvolvimento de pesquisas a partir do contexto local. Mesmo que a instituição contasse com docentes brasileiros desde 1968, a formação acadêmica

9 Veja DUSSEL, Enrique. *Teologia da libertação* – Um panorama de seu desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1997.

10 Veja GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo, SP: Brasiliense, 2007.

11 FISCHER, 1986, p. 31-32.

12 Posteriormente foram criados ainda o Instituto de Música e Instituto de Formação Diaconal, a Escola Sinodal de Educação Profissional (Esep) e o Instituto Superior de Música de São Leopoldo (ISMSL).

deles era realizada na Europa e nos Estados Unidos. Assim, em 1981 foi criado o Curso de Mestrado Acadêmico e a primeira turma iniciou suas pesquisas em 1983. Em matéria publicada no Boletim Informativo da EST de 1990 destacou-se a fusão entre o Programa da EST e o Programa do Instituto Metodista Superior em São Bernardo do Campo-SP, constituindo dois núcleos do que se chamou Instituto de Pós-Graduação em Ciências da Religião e a criação do programa de doutorado.¹³ Após o término da parceria em 1994, o programa passou a chamar-se Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia (IEPG).¹⁴ Importante para a formação e a pesquisa teológica de modo geral, sua constituição também foi importante para o desenvolvimento da produção teológica feminista e de gênero.

Durante grande parte da história da Faculdades EST o curso de Teologia foi desenvolvido como curso livre, sem o reconhecimento do Estado. Até 1999 essa era a situação de todos os cursos de teologia no Brasil, o que significou que a formação teológica permaneceu “assunto restrito, fechado atrás dos muros dos seminários, sem que a sociedade e as instituições oficiais tomassem conhecimento dela”.¹⁵ Foi nesse

13 BOLETIM INFORMATIVO DA EST. São Leopoldo, 1990, p. 4-5. Mimeo.

14 LINDNER, Juliana Lohmann; WACHHOLZ, Wilhelm. História da primeira fase do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST. In: *Anais do Salão de Pesquisa da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 12, 2013. p. 64-72.

15 HOCH, Lothar Carlos. Pronunciamento por ocasião da autorização da Teologia pelo MEC. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janete; WACHHOLZ, Wilhelm. *Estações da formação teológica – 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008. p. 72.

ano que a Câmara de Ensino Superior do Ministério da Educação reconheceu a teologia como disciplina acadêmica, sendo a Escola Superior de Teologia a primeira instituição a receber autorização para funcionamento. Embora o Mestrado e o Doutorado em Teologia já fossem reconhecidos pelo Ministério da Educação, o reconhecimento do Bacharelado em Teologia ocorreu apenas em 2002, ano em que também foi aprovado o Regimento Geral da EST que substituiu os institutos por pró-reitorias.¹⁶ Assim como já ocorria na pós-graduação, isso significou a diversificação do corpo discente, com maior abertura para estudantes não vinculados/as à IECLB, e também do corpo docente. Além disso, outras mudanças, inclusive em termos de financiamento por parte da própria Igreja, trouxeram modificações que ainda estão sendo absorvidas pela instituição. Por fim, uma nova reformulação do Regimento Geral em 2007 integrou todos os cursos oferecidos pela instituição, passando a figurar a marca Faculdades EST,¹⁷ nome utilizado nesse livro para referir-se não apenas à instituição em sua configuração atual, mas a toda a história narrada aqui brevemente.

16 FACULDADES EST. *História*.

17 FACULDADES EST. *História*. O nome “Faculdades EST” foi aprovado pelo Ministério da Educação em 2013. Ver BEHS, Micael Vier. *MEC aprova unificação das mantidas*. 04/06/2013. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/noticias/visualiza/mec-aprova-a-unificacao-das-mantidas>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

TEOLOGIA FEMINISTA E ESTUDOS DE GÊNERO

A Teologia Feminista emergiu na década de 1960, ao lado de outras teologias da libertação, e tem se consolidado desde então como uma corrente teológica em várias partes do mundo e no âmbito de distintas tradições religiosas. Por isso, o campo da teologia feminista e/ou de gênero não é uniforme, mas compreende uma diversidade de temas, abordagens e perspectivas teóricas e metodológicas. Segundo Ivone Gebara,

desde o início da década de 1960 muitas mulheres em diferentes lugares do mundo, influenciadas pelo feminismo, começaram a perceber de forma mais clara as relações entre a face simbólica histórica e masculina de Deus e a opressão das mulheres. Perceberam pouco a pouco que a justificação da dominação masculina sobre as mulheres era possível porque a cultura patriarcal tinha seu justificador absoluto, um justificador masculino celeste que presidia a sociedade hierárquica.¹⁸

Não é que mulheres, ou mesmo homens, não tenham produzido práticas e discursos teológicos questionadores de uma certa ordem social e eclesial no que diz respeito aos papéis e identidades de gênero e sexualidade e às relações construídas a partir deles antes disso. A(s) história(s) da(s) igreja(s) e da(s) teologia(s) está(ão) cheia(s) de exemplos e movimentos de resistência à dominação e disciplinamento dos corpos e relações a partir de perspectivas hegemônicas, e a Bíblia em sua diversidade de testemunhos é apenas um exemplo da existência de conflitos e disputas que vão demarcando

18 GEBARA, 2007, p. 15.

o espaço e a forma da revelação possível.¹⁹ Parte, até mesmo, daquilo que veio a ser conhecido como “teologia feminista” assume como tarefa o resgate de muitas dessas tradições que foram sendo invisibilizadas nos diversos processos de canonização e definição da doutrina e do dogma corretos.

Num sentido mais concreto, a Teologia Feminista é compreendida como uma corrente dentro da tradição bíblica-cristã que busca exercer um papel crítico na igreja e na sociedade. Nesse sentido, é uma teologia crítica que surge a partir de uma experiência de contradição. O objetivo de uma teologia que se considera crítica é duplo. Por um lado, trata de evidenciar os aspectos que geram as contradições e, por outro, busca alternativas de interpretação teológica que sejam consistentes e que permitam superá-las. Tais contradições provêm de situações permeadas de discriminação e injustiça. O caminho desta teologia é, portanto, básica e necessariamente um caminho de luta e de reivindicações.²⁰ Dessa forma, caminha junto com o Movimento Feminista, na compreensão de que feminismo

refere-se um movimento político que questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras, particularmente da dominação sobre a população feminina. [...] Considera que existe uma opressão específica a todas

19 Veja vários números da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA) que discutem a hermenêutica bíblica feminista (por exemplo, volumes 15, 25, 37). Disponível em: <<http://www.claiweb.org/ribla/ribla1-13.html>>. Acesso em: 4 jul. 2014.

20 FORCADES I VILA, Teresa. *La teología feminista en la historia*. Disponível em: <<http://www.fragmenta.cat/es/fragmentos/catalog/fragmentos/47266>>. Acesso em: 27 set. 2013.

as mulheres, independente de classe social, raça/etnia, orientação sexual, faixa etária, origem geográfica [...]. Essa opressão se manifesta tanto em nível das estruturas quanto das superestruturas (ideologia, política, religião, filosofia).²¹

É dentro desse contexto, também, que se insere a utilização da categoria gênero na produção teológica ou no campo dos Estudos de Gênero de maneira mais ampla. “Gênero” emergiu como uma categoria de análise na década de 1980 e se desenvolveu como ferramenta instrumental²² dentro do próprio feminismo. Conforme afirma o clássico artigo de Joan Scott: “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos”.²³ Dessa forma, em princípio, não há uma relação de oposição entre os qualificativos *feminista* e *de gênero*, uma vez que as abordagens de gênero se situam dentro da perspectiva feminista.

Os estudos de gênero, como parte da reflexão e luta feminista, ajudaram a aprofundar a discussão feminista, abrindo caminhos para vertentes dos estudos sobre masculinidades ou mesmo em reflexões teóricas recentes identificadas como teoria ou estudos *queer*.²⁴ Apesar disso, é possível identificar

21 TELES, Maria Amélia de Almeida. Feminismo no Brasil: trajetórias e perspectivas. In: SOTER. *Gênero e Teologia*: Belo Horizonte: Loyola, 2003 p. 51.

22 Ivone Gebara fala de “mediação hermenêutica do gênero”. Ver GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio – Uma fenomenologia feminista do mal*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-144.

23 SCOTT, Joan. A useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, vol. 91, n. 5, Dez. 1986. p. 1067.

24 A teoria ou estudos *queer* tem relação estreita com os estudos feministas e de gênero, por exemplo, no trabalho de Judith Butler.

algumas abordagens questionáveis quanto a sua pertença ao campo feminista, muitas das quais justamente querem evitar o “rótulo feminista” e seus questionamentos políticos, teóricos e metodológicos, gerando, em alguns casos, questionamentos e confusões quanto ao seu uso.

A diversidade de abordagens encontrada dentro do próprio feminismo²⁵ também se revela nas produções teológicas vinculadas a esse campo do conhecimento. Olhando particularmente para o contexto latino-americano, Delir Brunelli, por exemplo, identificou quatro fases distintas:

- Fase preliminar – década de 1960: a emergência da mulher na Igreja, especialmente sua participação nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB) e pastorais e no contexto de desenvolvimento da Teologia da Libertação.
- Primeira fase – segunda metade da década de 1970: emerge a discussão sobre a teologia e a “questão da mulher”, com produção teológica de mulheres e discussão sobre uma nova hermenêutica.
- Segunda fase – década de 1980: a teologia “na ótica da mulher” percebe e denuncia o caráter androcêntrico, patriarcal e racional do discurso teológico, procedendo uma releitura bíblica, a valorização do sensível, da experiência, do cotidiano, do celebrativo.

25 Veja BICALHO, Elizabete. Correntes feministas e abordagens de gênero. In: SOTER (org.). *Gênero e Teologia*. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas, Loyola, SOTER, 2003. p. 37-50; também HIERRO, Graciela. *Epistemología, ética y género*. Disponível em: <<http://disciplinas.stoa.usp.br/mod/resource/view.php?id=64357>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

- Terceira fase – década de 1990: aproximação à teologia feminista e a mediação de gênero.²⁶

A aproximação ao feminismo e aos estudos de gênero representou, também no âmbito da reflexão teológica, uma diversificação nas temáticas e métodos da teologia feminista latino-americana. Estudos recentes discutem temáticas relacionadas às masculinidades e dialogam com os estudos *queer* no campo da teologia.²⁷ O livro *Ainda feminismo e gênero*²⁸ reflete essa diversidade de temas e abordagens. Mantém-se, mesmo assim, a relação forte com a Teologia da Libertação, contexto no qual a teologia feminista emergiu na América Latina.²⁹

26 BRUNELLI, Delir. Teologia e gênero. In: SUSIN, Luiz Carlos. *Sarça ardente – Teologia na América Latina: Prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 209-218. Também AQUINO, María Pilar. Teología feminista latinoamericana. *Cristianismo Y Sociedad: Teología Feminista desde América Latina*. Vol/No. 135-136. Quito: FEPP, 1998.

27 Marcella Althaus-Reid, sem dúvida, é uma das autoras mais expressivas nessa área (ver, por exemplo, ALTHAUS-REID, Marcella. *From Feminist theology to Indecent Theology*. London: SCM Press, 2004). Ver também coleção de textos do Primer Simposio de Teología Queer (2012): BOEHLER, Genilma; BEDURKE, Lars; SILVA, Silvia Regina de Lima. *Teorías queer y teologías – estar... en otro lugar*. San José, Costa Rica: Editorial DEI, 2013.

28 MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (orgs.). *Ainda feminismo e gênero – Histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, EST, 2014.

29 Segundo Wanda Deifelt, “na América Latina, o termo Teologia Feminista de Libertação foi adotado, oficialmente, em dezembro de 1993, no Encontro Regional das Teólogas da ASETT/EATWOT (...). Antes disso, o fazer teológico a partir da realidade das mulheres e voltado para a sua valorização, tanto dentro da Igreja como na sociedade, havia utilizado nomenclaturas como ‘teologia da mulher’,

É dentro desse contexto diverso que se propõe identificar a produção teológica feminista e/ou de gênero na Faculdade EST. O período que é o foco desse estudo (1991 a 2012) está relacionado com a trajetória particular dessa discussão na instituição.

TEOLOGIA FEMINISTA E ESTUDOS DE GÊNERO NA FACULDADES EST

A história da Teologia Feminista e dos Estudos de Gênero na Faculdade EST está intimamente relacionada com a presença de mulheres na formação teológica e, por consequência, no Ministério Ordenado da Igreja. No contexto mais amplo da emergência da Teologia Feminista e, posteriormente, dos Estudos de Gênero, foi essa presença que permitiu a organização e o debate ao redor dessas questões redundando num compromisso explícito através da criação da Cátedra de Teologia Feminista em 1990.

Em 1952 a primeira mulher matriculou-se na Escola de Teologia. Segundo Haidi Jarschel, no entanto, a admissão de mulheres foi permitida com a condição de que fosse apenas um por ano, não ultrapassando 10% de mulheres por turma e sob admissão condicional tendo que provar “bom compor-

‘teologia na ótica da mulher’, ou ‘teologia feminina’. Ao empregar o termo feminista, as teólogas reunidas assumiram gênero como uma categoria de análise (assim como já haviam utilizado classe e raça/etnia), dentro de um princípio metodológico de desconstrução e reconstrução”. (DEIFELT, Wanda. *Temas e metodologias da teologia feminista*. In: SOTER, 2003, p. 172).

tamento e capacidade de produção igual aos seus colegas”.³⁰ Assim, embora a presença de mulheres nas Faculdades EST tenha se dado desde cedo, isso não representou, no início, uma reflexão teológica específica ou um questionamento mais profundo da própria situação das mulheres no âmbito da formação teológica. Segundo Elaine Neuenfeldt,

de acordo com os registros acadêmicos, ocorrem sete nomes de mulheres nos primeiros 25 anos da Faculdade de Teologia. Há registro de quatro mulheres que ingressaram nos anos sessenta e se matricularam com a intenção de formar-se em Teologia; dessas, três fizeram o exame de conclusão e duas entraram no pastorado da IECLB. [...] É a partir da década de 70 que as mulheres vão demarcar, de forma mais ativa, o seu espaço na formação teológica na Faculdade de Teologia da IECLB.³¹

Percebe-se a mesma situação no que diz respeito ao ingresso no Ministério Ordenado. Em 1976 ocorreu a instalação da primeira mulher em uma paróquia da IECLB. Ela foi ordenada apenas em 1983, um ano após outra mulher ter sido ordenada ao Ministério Eclesiástico.³²

A conquista do espaço das mulheres no estudo de teologia e no Ministério Pastoral da IECLB veio acompanhada do processo de regulamentação da profissão por parte da Igreja.

30 JARSCHER, Haidi. Algumas reflexões sobre o Ministério feminino. In: HOCH, 1986, p. 144.

31 NEUENFELDT, Elaine Gleci. Teologia Feminista na formação teológica: conquistas e desafios. In: HOCH, STRÖHER, WACHOLZ, 2008, p. 119.

32 Ver BALDUS, Dione Carla. *Historiografia do Grupo de Mulheres*. Monografia. São Leopoldo: EST, 2002.

Com a conclusão dos estudos teológicos as mulheres estavam aptas a exercer o Ministério Pastoral, o que gerou uma redefinição das regras até então estabelecidas.³³ As discussões acerca do futuro das então primeiras mulheres estudantes de teologia no que diz respeito à ordenação na IECLB começaram na Faculdade de Teologia em 1968. Neste período houve o pedido de posicionamento dos/as estudantes da Faculdade de Teologia para com a IECLB acerca da ordenação das mulheres. Esta temática, então, foi discutida na reunião do Conselho Diretor em 30 e 31 de julho de 1969, sob o tema “Ministério e ordenação de Senhoras”, sendo sugerida cautela quanto à admissão de mulheres no Ministério sob o argumento de um ambiente não favorável nas comunidades. Em 1970 decidiu-se que este assunto não seria discutido com as comunidades e o ingresso de mulheres no Ministério Pastoral aconteceu sem um planejamento por parte da direção da IECLB.³⁴

Um impulso importante para essa discussão foi a formação de uma “república de mulheres” que gerou grande polêmica e resultou na criação do “Grupo de Mulheres”. Este grupo foi organizado como um grupo de interesse da Faculdade de Teologia e buscava refletir acerca do exercício do Ministério Pastoral por mulheres bem como contribuir para um repensar

33 BALDUS, 2002, p. 12. Também KRUEGER, Carla Suzana. *As mulheres e o ministério ordenado na Igreja: um estudo sobre a ordenação de mulheres na IECLB*. Monografia. São Leopoldo: EST, 1996.

34 Ver FREIBERG, Maristela Livia. *Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, 1997. Também FERNANDES, Ligiane Taiza Müller. *Mulher e ordenação (na IECLB)*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: EST, 2010.

teológico em que as mulheres fossem valorizadas. Nas entrevistas realizadas por Dione Carla Baldus pode-se constatar que a vivência dinâmica do grupo de mulheres ao mesmo tempo desafiava o estudo da teologia, bem como era desafiada pela teologia.³⁵ Foi o trabalho desenvolvido por esse grupo que resultou na proposta apresentada na Semana Acadêmica de constituição de uma Comissão Pró-Teóloga. Esta comissão organizou e realizou seminários tratando do tema da Teologia Feminista de 1985 a 1990. Em 1987, ela se reuniu com a diretoria da Faculdade de Teologia visando a contratação de uma mulher para assumir a área de estágio e de poimênica numa perspectiva libertadora. Em 1990, foi confirmada a disciplina de Teologia Feminista no currículo, bem como a contratação da professora Wanda Deifelt para a Cátedra de Teologia Feminista na Escola Superior de Teologia.³⁶

Existem diversas reflexões sobre o significado da participação de mulheres na formação teológica no âmbito da graduação em teologia, sobre a importância do Grupo de Mulheres da Faculdades EST, a constituição da Comissão Pró-Teóloga e a consequente criação da Cátedra de Teologia Feminista. Nesse sentido, já há uma “história a ser contada”³⁷ sobre a existência de uma reflexão teológica feminista e de gênero na instituição. No entanto, não há reflexões sobre como se deu esse processo no âmbito da pós-graduação. De certa forma,

35 BALDUS, 2002.

36 BALDUS, 2002, p. 40, 41. Também DEIFELT, Wanda. Educação teológica para as mulheres. In: SOTER, 2003. p. 265-282.

37 STRÖHER, Marga J. A história de uma história. *História Unisinos*, 9(2):116-123, Maio/Agosto 2005.

tem-se a impressão de que o desenvolvimento de pesquisas em âmbito de Mestrado e Doutorado na área de Teologia Feminista e Estudos de Gênero no Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST se deu como uma extensão do movimento ocorrido no âmbito da graduação.

Ainda assim, como se verá, existe uma pesquisa teológica feminista e/ou de gênero significativa produzida no Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST que se expressa em monografias, dissertações e teses. Sem dúvida, essa produção criou as condições para a criação do Núcleo de Pesquisa de Gênero (NPG), criado oficialmente em 1999 após diversas reuniões informais de estudantes do Programa de Pós-Graduação da EST. Sua criação representou um impulso na produção teológica feminista e de gênero na instituição, especialmente através da publicação de obras coletivas com textos de seus/suas integrantes, bem como de conferências e palestras proferidas nos Congressos Latino-Americanos de Gênero e Religião, organizadas pelo Núcleo.³⁸

38 Publicações anteriores a 2012: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Org.). *À flor da pele – Ensaio sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, Cebi, EST, 2004; MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade – Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2005; NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (Orgs.). *Epistemologia, violência e sexualidade – Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. O III Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião ocorreu em 2009 com o tema “[Est]ética e Direitos Humanos”.

O Núcleo de Pesquisa de Gênero também foi o principal espaço de articulação e discussão quando, em 2009, o projeto da Cátedra de Teologia Feminista deixou de existir e foi criado o projeto Programa de Gênero e Religião. A essa altura, Teologia Feminista já constava como disciplina obrigatória do Bacharelado em Teologia e como disciplina optativa no Programa de Pós-Graduação. Nesse sentido, a criação do Programa de Gênero e Religião procurou “unificar e desenvolver as atividades e políticas institucionais sobre teologia feminista e questões de gênero na sua relação com o tema da religião na Faculdades EST através de ensino, pesquisa e extensão, garantindo a transversalidade destas questões em todas as esferas”.³⁹ Tanto a Cátedra de Teologia Feminista quanto o Programa de Gênero e Religião, no entanto, nunca foram incorporados na estrutura organizativa da Faculdades EST, permanecendo como projetos mantidos através de financiamento externo.

A implantação do projeto Programa de Gênero e Religião coincidiu com a saída das professoras contratadas através do projeto anterior – Wanda Deifelt (1991-2004) e Elaine Gleci Neuenfeldt (2004-2008) – e foi assumida por professoras que já integravam o quadro docente da instituição e desenvolviam outras atividades – Marga Janete Ströher (2009-2010) e Márcia Eliane Leindcker da Paixão (2011-2012) – com significativa redução no financiamento externo e, conseqüentemente, no orçamento disponível para as atividades nessa área. Com a saí-

39 EST. *Projeto de Implantação do “Programa de Gênero e Religião”*. Arquivos do Núcleo de Pesquisa de Gênero, 2008.

da das professoras identificadas com a Teologia Feminista e de Gênero e sem perspectiva de financiamento externo significativo, o Programa de Gênero e Religião iniciou o ano de 2013 sem coordenação e/ou planejamento de atividades a serem desenvolvidas. Através de financiamento emergencial da Igreja da Suécia (que inclui a pesquisa da qual esse livro é um dos resultados), uma nova coordenação foi contratada e encarregada de reestruturar o programa e as atividades na instituição.⁴⁰ Por isso, a reflexão sobre a produção teológica feminista e de gênero na Faculdades EST também pretende analisar o impacto da criação da Cátedra de Teologia Feminista (1991), sua mudança para Programa de Gênero e Religião (2009) e as consequências sentidas nos anos seguintes (2010-2012), particularmente naquilo que diz respeito à presença de professoras identificadas com essa área e contratadas especificamente para articular e fomentar essas temáticas na instituição.

PRODUÇÃO TEOLÓGICA FEMINISTA E DE GÊNERO NA FACULDADES EST (1991-2012)

As reflexões teóricas e teológicas feministas emergiram juntamente com os movimentos sociais feministas e de mulheres como forma de luta contra as desigualdades enfrentadas por mulheres em contextos patriarcais e sexistas. Uma das es-

40 EST. *Programa de Gênero e Religião tem nova coordenação*. 18/03/2013. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/entrevistas/visualiza/programa-de-genero-e-religiao-tem-nova-coordenacao>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

estratégias usadas, entre várias outras, foi a de dar visibilidade à participação delas nos processos históricos tornando evidente a sua invisibilização. No âmbito da teologia, pode-se perceber o grande interesse, por exemplo, no resgate de personagens bíblicas e a releitura dos papéis desempenhados por mulheres nessas narrativas.⁴¹ Da mesma forma, as pesquisas indicam os espaços onde as mulheres não estão, questionando a sua ausência, bem como os motivos para tal.

Desde sempre essa estratégia se mostrou insuficiente para denunciar e desconstruir as estruturas políticas, econômicas, culturais e religiosas utilizadas para justificar e manter a opressão das mulheres. Com o aprofundamento das análises, outros elementos foram considerados e outras teorias foram sendo desenvolvidas para dar conta de explicar e contradizer tais estruturas, ao mesmo tempo propondo outras formas de organização social, política, econômica e religiosa que superassem as desigualdades atestadas e comprovadas.⁴² O desenvolvimento das teorias de gênero foi fundamental para questionar não apenas essencialismos na definição dos papéis sociais desempenhados por mulheres, mas também por homens. Com isso, houve uma proliferação de temáticas e áreas de estudo que permitiram aprofundar as análises e perceber as nuances de sistemas e estruturas que continuam sancionan-

41 FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher – Uma nova hermenêutica*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

42 Veja RESS, Mary Judith; SEIBERT-CUADRA, Ute; SJORUP, Lene. *Del cielo a la tierra – una antología de teología feminista*. Santiago: Sello Azul, Editorial Mujeres, 1994.

do desigualdades entre homens e mulheres, bem como entre homens e homens e mulheres e mulheres.

Ações afirmativas em diversas áreas têm sido fundamentais para fazer frente aos sistemas e estruturas que geram desigualdades.⁴³ A criação da Cátedra de Teologia Feminista e do Programa de Gênero e Religião pode ser compreendida nesse contexto como uma forma de superar desigualdades históricas, afirmando a necessidade de estruturas institucionais que garantam o espaço para a atuação e reflexão. Sua importância no âmbito da formação teológica influencia não apenas a própria instituição, mas principalmente estudantes e pesquisadores/as, os/as quais através de suas práticas profissionais se tornam promotores/as da transformação social necessária para a superação das desigualdades.

É perceptível que, em muitos casos, a destinação de recursos e a delimitação de espaços institucionais de atuação nessa ou em outras áreas que lidam com desigualdades sociais historicamente construídas dependem de aportes financeiros. Essas questões estão diretamente ligadas à vontade política de instituições, sua compreensão de que tais questões são essenciais para o cumprimento de sua missão, mas também à sua capacidade de manter esses espaços tanto em termos políticos quanto financeiros, considerando as pressões a que estão expostas. Nesse sentido, o investimento numa determinada área é diretamente proporcional à capacidade de produção de ações e atividades que garantam uma abordagem que conside-

43 MOEHLECKE, Sabrina. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 197-217, nov. 2012.

re, nesse contexto, as questões de gênero na produção do conhecimento (teórica, metodológica e epistemologicamente).

Dessa forma, a presente publicação se insere no quadro dos estudos de gênero desenvolvidos no âmbito das teorias feministas, buscando dar visibilidade à produção acadêmica desenvolvida na Faculdades EST de 1991 a 2012. Para tanto, analisa os trabalhos acadêmicos (trabalhos semestrais, de conclusão, monografias, dissertações e teses) produzidos durante esse período e disponibilizados na Biblioteca da instituição. Considera a utilização dos instrumentais feministas e de gênero tanto nas temáticas quanto nas metodologias empregadas, procurando avaliar o impacto da criação da Cátedra de Teologia Feminista e do Programa de Gênero e Religião, entendidos como forma de ação afirmativa num contexto marcado por desigualdades.

Para a realização da pesquisa foram catalogados todos os trabalhos, monografias, dissertações e teses disponibilizadas na Biblioteca da Faculdades EST sob as siglas T, TM e TD acompanhadas da respectiva numeração.⁴⁴ A catalogação foi realizada utilizando como referência inicial o catálogo em rede da Biblioteca.⁴⁵ A seguir foi realizada revisão *in loco* dos materiais disponíveis para confirmar as informações disponí-

44 Sob a sigla T estão catalogados os trabalhos produzidos por estudantes do Bacharelado em Teologia e algumas monografias produzidas por estudantes do Mestrado indicadas pelos/as respectivos/as orientadores/as para serem disponibilizados na Biblioteca. Sob a sigla TM estão catalogadas as dissertações de Mestrado e sob a sigla TD as teses de Doutorado.

45 Disponível em <<http://catalogo.est.edu.br/pergamum/biblioteca/>>.

veis em rede, bem como acrescentar as demais informações definidas para análise do material.⁴⁶ No processo de catalogação, realizada em planilhas de *Excel*, buscou-se identificar as seguintes informações: número de chamada; ano; título; autor/a; sexo; orientador/a; sexo; temas; área de concentração; tipo de trabalho; presença de obras escritas por mulheres nas referências. Para a inclusão dessas informações foi considerada a autodeclaração (informações contidas no próprio trabalho), inferindo o mínimo de informações indiretamente e apenas quando verificáveis. Nesse sentido, especialmente em trabalhos mais antigos, perceber-se-á grande quantidade de categorias classificadas como NSA (não se aplica), o que em alguns casos prejudicou a análise.

No decorrer do processo de pesquisa e análise dos materiais, foram sendo configurados cinco diferentes grupos para ajudar a identificar não apenas pesquisas que podem ser identificadas como produção teológica feminista e/ou de gênero segundo os critérios estabelecidos inicialmente, mas também outras pesquisas que indicam a influência da teologia feminista e dos estudos de gênero na produção acadêmica. Considerando essas questões, os trabalhos foram agrupados a partir dos seguintes critérios:

- a. *Produção teológica feminista e/ou de gênero*: pesquisas nas quais o tema central (expresso no título ou não)

46 No caso de Dissertações de Mestrado, aquelas defendidas a partir de 2004, e no caso de Teses de Doutorado, aquelas defendidas a partir 2002, em sua grande maioria, estão disponíveis em rede pelo próprio catálogo.

vincula-se a essa área, os termos feminista e/ou gênero podem ser localizados substancialmente nos escritos e há obras de teólogos/as feministas e/ou que trabalham questões de gênero nas referências.

- b. *Produção teológica sobre questões de gênero*: pesquisas nas quais aparece questões ligadas à discussão de gênero como tema central (expresso no título ou não), embora a presença de obras feministas e/ou de gênero nas referências não seja tão significativa.
- c. *Produção teológica que inclui a discussão sobre gênero/feminismo*: pesquisas que tematizam questões relacionadas a gênero ao longo do trabalho (em itens específicos) ou seja possível identificar obras feministas e/ou de gênero nas referências, mas que não são o foco central da pesquisa.
- d. *Produção teológica com presença significativa de mulheres nas referências*: pesquisas nas quais há uma significativa presença de obras escritas por mulheres nas referências, as quais são, em sua maioria, de outras áreas do conhecimento e não necessariamente identificadas como feministas e/ou de gênero.
- e. *Produção teológica não-feminista*: pesquisas nas quais não é possível identificar nenhuma das questões definidas para a classificação nos demais grupos.

É importante reconhecer também o elemento subjetivo presente nessa análise, uma vez que o período que é o foco principal da pesquisa (1991 a 2012) praticamente coincide com a presença do pesquisador na instituição, tornando-se uma testemunha das discussões e debates em torno da temá-

tica.⁴⁷ Entende-se que esse fato não prejudica a análise, pelo contrário, ajuda a fazer uma análise mais acurada do material por, em muitas situações, conhecer não apenas autores/as e orientadores/as, mas também as condições nas quais as pesquisas foram produzidas.

No que se segue são apresentados os resultados da pesquisa, tanto os dados levantados quanto a sua análise. A ênfase central está colocada em questões quantitativas, buscando dar visibilidade ao material produzido e perceber o impacto da presença de docentes contratadas através dos projetos Cátedra de Teologia Feminista e Programa de Gênero e Religião, ocorrendo também análises de conteúdo nos casos em que se julgar pertinente.

47 Ingressei no Bacharelado em Teologia em 1995 e, desde então, estive vinculado de alguma forma à Faculdades EST (como estudante de graduação de 1995 a 2001; como mestrando de 2002 a 2004; como doutorando de 2004 a 2008; como consultor em 2008; como professor de 2010 até o momento atual; e vinculado ao Núcleo de Pesquisa de Gênero ininterruptamente desde 2000).

Trabalhos acadêmicos produzidos antes de 1991

As teologias feministas e/ou de gênero estão diretamente ligadas a novas formas de entender a realidade vivida por mulheres e a construção de reflexões teológicas que discutem essa realidade, situadas historicamente. Elas questionam sistemas e estruturas que as excluem de determinados espaços e atividades e impõem comportamentos, os quais vieram a ser analisados a partir da utilização da categoria de gênero. Embora essa categoria tenha sido desenvolvida num período posterior ao estudado neste capítulo, ela está presente na forma de análise e avaliação dos materiais pesquisados. Assim, o levantamento dos trabalhos acadêmicos produzidos por estudantes do Bacharelado em Teologia e das pesquisas desenvolvidas por estudantes do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST antes de 1991 e disponibilizadas em sua Biblioteca busca, primeiramente, perceber a emergência dessas reflexões na instituição.

Os dados e as informações coletados sobre o período que antecede 1991 a partir da pesquisa documental são importantes para situar a discussão e perceber o impacto da constituição da Cátedra de Teologia Feminista na produção de trabalhos aca-

dêmicos desde então. Nesse sentido, é dada atenção especial aos trabalhos escritos por mulheres bem como àqueles que são identificados como produção teológica feminista. Isso revela que a própria constituição de uma Cátedra de Teologia Feminista se deu no contexto de uma produção teológica já existente sobre o tema e, de certa forma, fundamentada nela.

Embora a Faculdades EST tenha sido criada em 1946, o primeiro trabalho acadêmico identificado (T1) data de 1972, quando tem início a prática de indicação de trabalhos acadêmicos para a Biblioteca.⁴⁸ No caso de trabalhos produzidos por estudantes do Bacharelado em Teologia e das monografias produzidas por estudantes do Mestrado, há que se considerar o mecanismo que determina a sua disponibilização na Biblioteca da Faculdades EST. Não existe nenhum critério específico e/ou objetivo que determine essa indicação. Também não existe informação disponível sobre o motivo que levou docentes a indicarem a disponibilização.⁴⁹ A ideia geral é que os documentos disponibilizados apresentam reflexões importantes que podem servir de subsídio para outros/as estudantes e/ou pesquisadores/as que acessam o acervo da Biblioteca. Essa avaliação, no

48 As primeiras dissertações de Mestrado (TM) são de 1984, dois anos após o ingresso dos primeiros estudantes (1983) e as primeiras monografias de Mestrado (T) são de 1990.

49 Segundo o bibliotecário responsável, “trabalhos com nota 10 (ou 9 com correções) normalmente são indicados para a biblioteca. Quem indica é o professor (a) orientador (a). Ele pode incluir trabalhos com notas menores, ou não indicar um trabalho com nota 10 que na opinião dele não vale a pena. Por exemplo, um professor pode não indicar um trabalho numa área com vários outros trabalhos iguais ou melhores. Ou, mais comum, ele/ela pode indicar um trabalho com nota menor que traz uma coisa nova (por exemplo, uma bibliografia interessante).” (Correspondência eletrônica).

entanto, depende de quem orienta o trabalho ou monografia e, por isso, os documentos analisados não correspondem à totalidade da produção de estudantes e pesquisadores/as das Faculdades EST, mas apenas àqueles disponibilizados na Biblioteca.⁵⁰

Para a avaliação do conjunto dos trabalhos acadêmicos do Bacharelado e das monografias do Mestrado, portanto, é preciso considerar duas questões. Em primeiro lugar, outros trabalhos, dos quais não é possível averiguar as categorias de análise, foram produzidos. Em segundo lugar, os materiais disponíveis precisam ser considerados dentro da perspectiva de que foram indicados pelos/as docentes orientadores/as a partir da sua avaliação com relação à qualidade e relevância do trabalho como material de consulta.⁵¹ Outra questão a ser considerada é que, especialmente em trabalhos mais antigos, perceber-se-á grande quantidade de categorias classificadas como NSA (não se aplica), o que em alguns casos prejudica a análise.⁵²

50 O mesmo não acontece com dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, sendo todas disponibilizadas no acervo da Biblioteca.

51 Uma pesquisa futura poderá analisar os registros acadêmicos da instituição para perceber com mais precisão quantos trabalhos acadêmicos (especialmente trabalhos de pesquisa e de conclusão) foram produzidos dentro da perspectiva da teologia feminista e/ou de gênero, mesmo que não tenham sido indicados para serem disponibilizados na Biblioteca.

52 Isso é especialmente perceptível na identificação de orientador/a. Dos 238 trabalhos de graduação, das duas (2) monografias e das oito (8) dissertações de Mestrado analisadas, apenas 33 identificam quem orientou o trabalho, sendo trinta (30) orientados por homens, dois (2) por mulheres e um (1) coorientado por um homem e uma mulher. Isso faz com que seja difícil avaliar esse item no conjunto dos documentos, ainda que se saiba que até 1990 poucas mulheres atuaram na EST, em geral professoras visitantes e não de tempo integral.

A partir da pesquisa documental foram identificados 238 trabalhos acadêmicos produzidos por estudantes do Bacharelado em Teologia⁵³ e duas (2) monografias e oito (8) dissertações produzidas por pesquisadores do Mestrado entre 1972 e 1990. Assim, considerando o reduzido número de documentos produzidos no âmbito da pós-graduação, eles serão considerados de maneira separada rapidamente no final deste capítulo. São os trabalhos produzidos no âmbito do Bacharelado em Teologia que permitirão visualizar, neste primeiro momento, a emergência de uma produção teológica feminista que, num segundo momento, poderá ser contrastada com o período posterior à criação da Cátedra de Teologia Feminista para perceber seu impacto nessa produção.

BACHARELADO EM TEOLOGIA

Os 238 trabalhos acadêmicos produzidos por estudantes do Bacharelado em Teologia entre 1972 e 1990 estão assim distribuídos:

Autoria		Orientação		
Homens	Mulheres	Orientadores	Orientadoras	NSA
206	32	25	2	211

Tabela 1

53 Estão sendo excluídos da análise os trabalhos T123 e T383, nos quais não é possível identificar a maioria dos elementos. Trata-se de um trabalho de Exegese II da Epístola de Pedro 1,3-11 (T123) e de um trabalho de produção coletiva “Pobreza na IECLB: A relação entre empobrecimento e afastamento de membros da IECLB” (T383).

Tipo ⁵⁴					Área ⁵⁵			
Semest.	TCC	Exegese	Discipl.	NSA	TB	TP	TS	NSA
145	61	19	3	10	59	51	47	81

Tabela 2

Referências ⁵⁶	Presença de autoras	Ausência de autoras
		104

Tabela 3

Como mencionado acima, o grande número de documentos em que não há informações sobre a **orientação** dificulta a análise. O mesmo ocorre com relação à **área da Teologia** na qual foram produzidos.⁵⁷ À primeira vista chama à atenção a diferença significativa entre o número de trabalhos escritos por homens (206) e por mulheres (32), bem como o número elevado de trabalhos em que não foram identificadas obras escritas por mulheres nas referências (133 correspondendo a 56% dos documentos).

54 Quanto ao tipo os documentos foram classificados em: Trabalho Semestral (desenvolvido durante um semestre sobre um tema específico); TCC – Trabalho de Conclusão de Curso; Exegese; Disciplina (produzidos para uma disciplina específica)

55 Há uma variedade de classificações e diferenciações das subáreas da Teologia. Aqui utiliza-se a divisão em três áreas principais (Teologia Bíblica, Teologia Prática e Teologia Histórico-Sistemática), sendo que recentemente foi criada na Faculdades EST uma nova área: Religião e Educação (veja abaixo).

56 Um dos trabalhos não tem referências (T233).

57 Dos trabalhos com indicação da área antes de 1991 há um relativo equilíbrio: Teologia Bíblica – 38%; Teologia Histórico-Sistemática – 32%; Teologia Prática – 30%.

Embora não seja tão significativa considerando o período em análise, é possível perceber uma pequena diferença nos **tipos de trabalhos** produzidos por homens e mulheres e disponibilizados na Biblioteca. Como mostram os gráficos a seguir, foi identificado um maior percentual de trabalhos semestrais produzidos por mulheres, em relação a um percentual maior de trabalhos de conclusão de curso produzidos por homens.

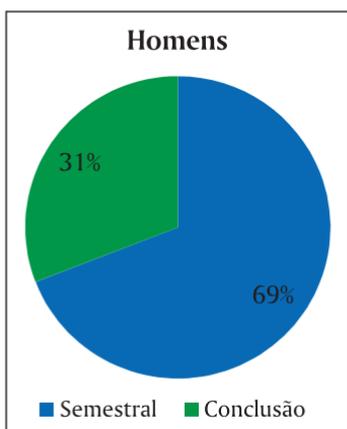


Gráfico 1

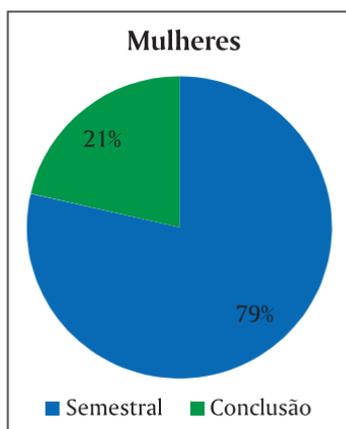


Gráfico 2

Diferenças mais significativas podem ser percebidas com relação às **referências** consultadas para a elaboração dos trabalhos. Dos 133 trabalhos em que não há referências a obras escritas por mulheres, 122 foram escritos por homens e 11 por mulheres. Dos 104 trabalhos em que há referências a obras escritas por mulheres, 83 foram escritos por homens e 21 por mulheres. Isso significa que, proporcionalmente, nos trabalhos produzidos antes de 1991, mulheres utilizam mais textos escritos por mulheres do que homens, como demonstram os gráficos a seguir:

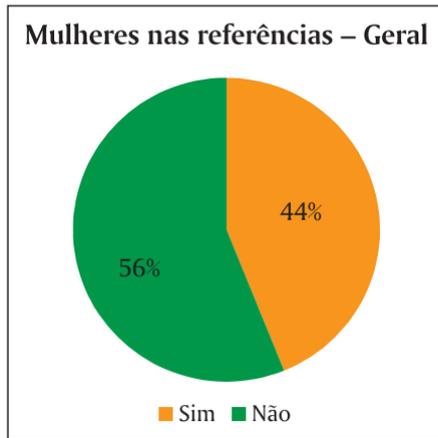


Gráfico 3

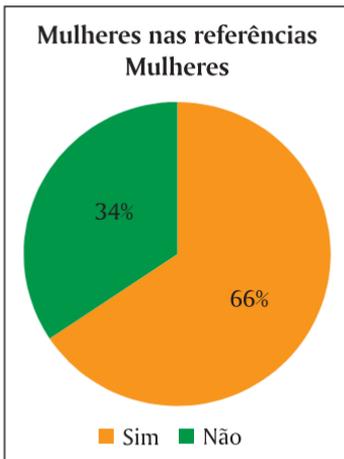


Gráfico 4

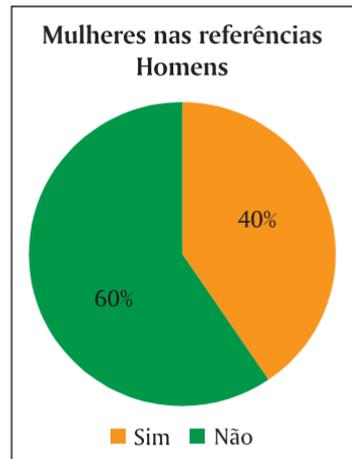


Gráfico 5

Com relação às referências, no entanto, é preciso considerar duas outras questões com relação à presença de obras escritas por mulheres nas referências apresentadas nos trabalhos. Em primeiro lugar, dos 83 trabalhos escritos por homens

e dos 21 escritos por mulheres que mencionam obras escritas por mulheres, há um número significativo de trabalhos em que a presença de autoras é praticamente insignificante, como demonstra a tabela a seguir:

Presença de até 5 obras escritas por mulheres nas referências		Presença de poucas obras escritas por mulheres nas referências	
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
44	3	7	1

Tabela 4

Além disso, há um número significativo de trabalhos em que o nome do/a autor/a da obra aparece apenas com as iniciais do primeiro nome nas referências,⁵⁸ não sendo possível definir o sexo:⁵⁹

Alguns/as autores/as com iniciais do nome		Vários/as autores/as com iniciais do nome		Todos/as autores/as com iniciais do nome	
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
13	2	12	0	7	1

Tabela 5

58 Nessa pesquisa não foram pesquisados os títulos das obras apresentadas nas referências para averiguar a autoria quando não foi possível identificar o sexo do/a autor/a a partir do próprio trabalho, ou identificado a partir do sobrenome e título.

59 Isso ocorre também em alguns trabalhos em que foram identificadas obras escritas por mulheres, mas essas não estão sendo consideradas aqui.

Assim, olhando mais atentamente, tem-se o seguinte quadro com relação à utilização de obras escritas por mulheres na produção dos trabalhos:

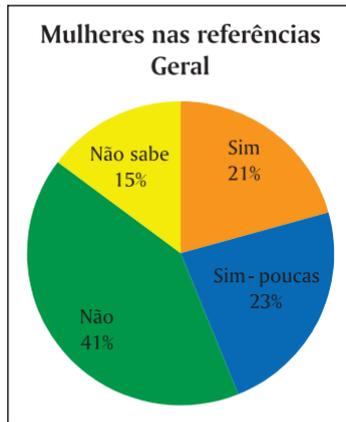


Gráfico 6

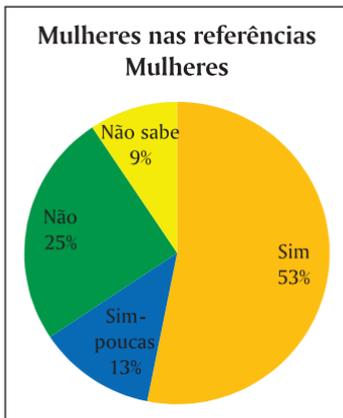


Gráfico 7

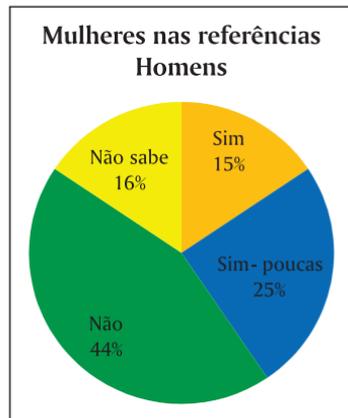


Gráfico 8

Além de constatar o número reduzido de obras escritas por mulheres mencionadas nas referências, novamente percebe-se que as mulheres utilizam mais obras escritas por mulheres do que os homens para a elaboração de seus trabalhos. Ainda com relação às referências dos trabalhos identificados entre os anos de 1972 a 1990, é importante destacar o grande número de trabalhos que mencionam apenas (ou em sua maioria) obras escritas em alemão, sendo que autores/as latino-americanos/as começam a aparecer nas referências apenas na segunda metade da década de 1970.⁶⁰ Em 1976 aparece a primeira mulher mencionada nas referências sendo, aliás, uma alemã: Dorothee Soelle. Na maioria dos casos em que há mulheres mencionadas nas referências, as autoras são de áreas diversas e apenas algumas são teólogas.⁶¹ O mesmo se expressa nas temáticas trabalhadas: nos trabalhos em que há maior número de referências a obras escritas por mulheres, em geral elas são de outras áreas e os temas estão vinculados à área da Teologia Prática.

Com relação às **temáticas** discutidas nos trabalhos, buscando identificar o que está sendo chamado de “produção

60 Foram identificados pelo menos 20 trabalhos nessas condições, até mesmo um de 1990. A maioria não menciona mulheres nas referências e são produzidos na Área de Teologia Bíblica.

61 Nas referências em que aparecem poucas mulheres, elas geralmente são de outras áreas. Algumas mulheres citadas: Ana Flora Anderson, Janaína Amado, Marilena Chauí, Vanilda Paiva, Maria Queiroz, Rose Marie Muraro, Marta Harnecker, Rosa de Luxemburgo, Elizabeth Kübler-Ross. Algumas teólogas citadas: Dorothee Soelle, Elza Tamez, Cecília Mariz, Lisa Cahill, Mary Douglas, Rosemary Ruether, Lise Schottroff.

teológica feminista”, algumas questões merecem destaque. Treze (13) trabalhos discutem temas afins à teologia feminista, mas não fazem referência a nenhuma autora e/ou teóloga mulher (todos escritos por homens).⁶² A partir da década de 1980, encontram-se os primeiros trabalhos que tematizam em pontos específicos questões relacionadas às mulheres, sem que esse (ou mesmo questões feministas e/ou de gênero) seja o tema central do trabalho. É nesse contexto, também, que aparecem os primeiros trabalhos que trazem, já no título, questões de gênero (particularmente falando sobre mulheres e não necessariamente numa perspectiva de gênero e/ou feminista). No que diz respeito aos trabalhos produzidos por mulheres, mesmo que não tratem de questões específicas sobre mulheres e/ou gênero ou apresentem número significativo

62 Por exemplo, T25 (*Conceituações da sexualidade: exemplificadas no modelo temático das relações prematrimoniais*, 1977); T30 (*Um ensaio fenomenológico da prostituição e seus desafios ético-teológico*, 1978); T32 (*Ministério e ordenação: reflexões de um futuro ordenado*, 1978); T34 (*Introdução do divórcio: uma ameaça à família brasileira?*, 1977); T35 (*Ministério e ordenação: incumbência e compromisso*, 1976); T48 (*Uma reflexão Cristã sobre o fenômeno violência*, 1981); T53 (*Homofilia: problemas e perspectivas*, 1980); T60 (*A prática da ordenação na IECLB: uma avaliação crítica a luz dos escritos confessionais*, 1982); T87 (*A concepção luterana do ministério eclesial e do sacerdócio geral analisada a partir dos escritos à Nobreza Alemã acerca do melhoramento da Igreja e do Cativo Babilônico da Igreja*, 1983); T119 (*Os pobres na perspectiva do Magnificat*, 1985); T136 (*Algumas considerações acerca da sexualidade em busca de bases para um posicionamento ante a questão da prática sexual fora dos parâmetros do matrimônio constituído*, 1985); T151 (*A família e os conflitos entre pais e filhos: pistas para um aconselhamento pastoral*, 1987); T249 (*Hermenêutica e pecado: para uma leitura da Bíblia em comunidades da IECLB*, 1990).

de autoras feministas em suas bibliografias, poucas trabalham questões “tradicionais” da teologia. A maioria trabalha com temas ligados à Teologia da Libertação (camponeses, colonizadores/indígenas, imagens de Cristo, sofrimento e esperança, ecumenismo)⁶³ ou na área de aconselhamento pastoral (pessoas idosas e família)⁶⁴ e um trabalho sobre espiritismo.

Assim, quando analisados **por década** percebe-se que ocorre gradualmente uma mudança a partir da década de 1980. Na década anterior, quando se inicia a prática de indicação de trabalhos a serem disponibilizados na Biblioteca da Faculdades EST, dos 52 documentos identificados 51 foram produzidos por homens e apenas 1 por mulher, mesmo que já houvesse mulheres estudando na instituição desde 1952. Na década de 1980, com o aumento geral no número de estudantes há igualmente um aumento no número de trabalhos indicados/disponibilizados e um aumento no número de trabalhos produzidos por mulheres. No entanto, estes representam ainda um número significativamente menor, compondo um total de 31, quando comparados aos 155 trabalhos produzidos por homens, como demonstra o gráfico a seguir.

63 Por exemplos, T63 (*Imagens de Jesus Cristo na América Latina*); T74 (*A Guerra dos Camponeses no século XVI: tentativa de compreensão histórica*); T76 (*O movimento dos camponeses na tomada da terra*); T81 (*As Ligas Camponesas e a Reforma Agrária*); T157 (*Sufrimento e esperança no Israel-Exílio*); T169 (*Perspectivas históricas e atuais do ecumenismo*); T290 (*Uma abordagem sobre o conflito ocorrido entre os índios Kaingang e os imigrantes alemães nos primeiros tempos da colonização*).

64 Por exemplo, T84 (*A tarefa da Igreja para com os velhos: reflexões teológicas e práticas*); T112 (*Saúde e doença no espiritismo*); T126 (*Assessoramento pastoral em situação de crise na família*).

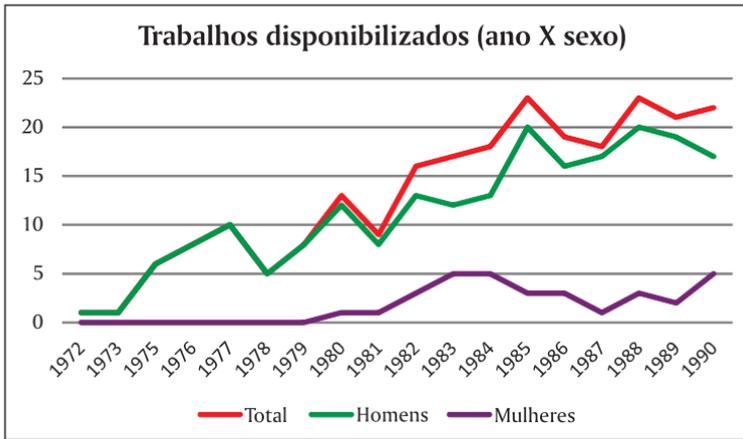


Gráfico 9

Como se vê, apenas nos anos de 1983 e 1984 foi identificado um aumento mais significativo de trabalhos produzidos por mulheres, sendo que, no geral, o número de trabalhos produzidos por homens segue a linha do total de documentos encontrados. Como visto no primeiro capítulo, esse foi o período em que a discussão sobre teologia feminista emergia na Faculdades EST, através da “república de mulheres”, do “grupo de mulheres” e da “Comissão Pró-Teóloga” constituída em 1985. Além disso, quando contrapostos ao número de estudantes mulheres que ingressaram na Faculdades EST⁶⁵ nos anos imediatamente anteriores, percebe-se que a maior presença de estudantes mulheres acompanha um maior número de trabalhos produzidos e disponibilizados na Biblioteca da instituição, como demonstra o gráfico a seguir:

65 Dados extraídos da pesquisa de KRUGER, 1996.

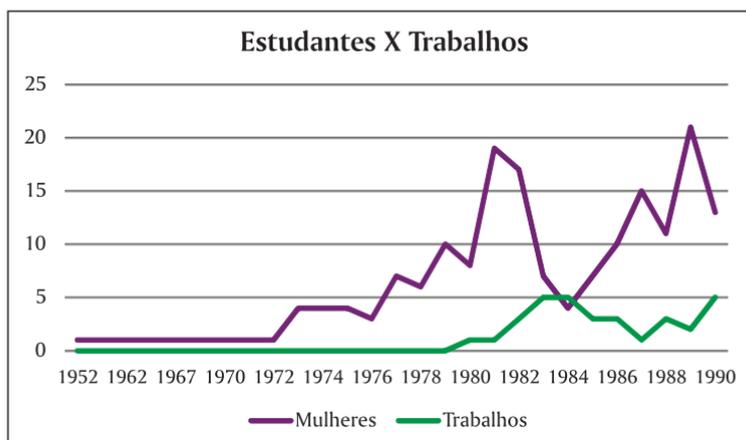


Gráfico 10

Todas as questões apresentadas até aqui ajudam a entender a emergência de uma produção teológica feminista e/ou de gênero na Faculdades EST a partir dos dados identificados nos trabalhos produzidos e disponibilizados na Biblioteca da instituição. A seguir, uma análise dos trabalhos a partir de sua categorização considerando, com ponto de partida, os critérios definidos pela pesquisa.

PRODUÇÃO TEOLÓGICA FEMINISTA E/OU DE GÊNERO

Ao analisar os trabalhos disponibilizados na Biblioteca da Faculdades EST segundo os critérios definidos para o seu agrupamento, têm-se os seguintes resultados:

- produção teológica não-feminista: 201;
- produção teológica com presença significativa de mulheres nas referências: 13;

- produção teológica que inclui a discussão sobre gênero/feminismo: 13;
- produção teológica sobre questões de gênero: 5;⁶⁶
- produção teológica feminista e/ou de gênero: 6;⁶⁷

Até 1980 existem apenas trabalhos identificados como não-feminista. Considerando que os primeiros trabalhos identificados nas demais categorias são de 1981, a distribuição dos trabalhos segundo sexo do/autor/a está refletida nos seguintes gráficos:

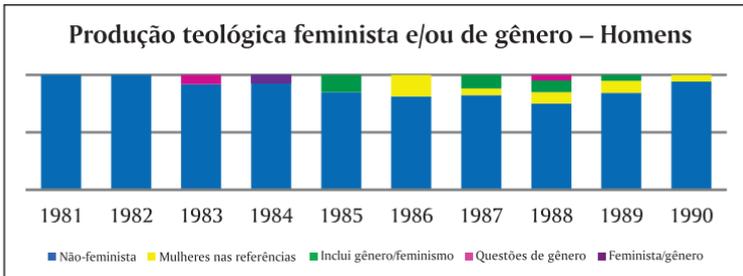


Gráfico 11

66 Escritos por homens: T82 (*Jesus e as mulheres*, 1983) e T175 (*Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas: a mulher buscando o espaço que lhe foi negado na sociedade e na Igreja, um caminho para a conscientização e libertação da mulher*, 1988). Escritos por mulheres: T154 (*A visão do feminino em Jerônimo: um estudo a partir de quatro necrólogos*, 1987); T263 (*Diaconia Evangélica Feminina no Brasil: 1912-1939*, 1990); T318 (*Participação das mulheres na formação e construção das primeiras comunidades cristãs no mundo Greco-Romano: um estudo a partir das cartas de Paulo*, 1990).

67 Esses trabalhos serão discutidos no último capítulo desse livro.

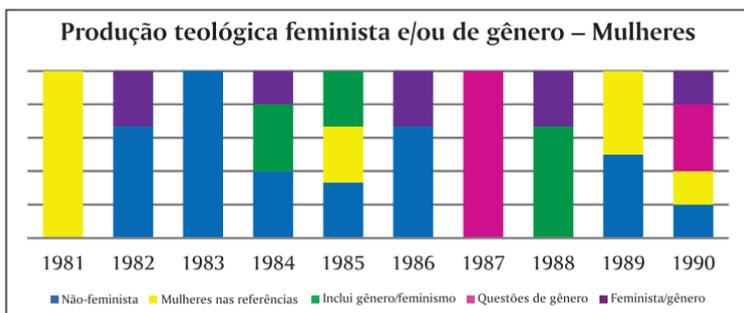


Gráfico 12

Percebe-se, assim, nitidamente uma maior diversificação nos trabalhos produzidos por mulheres no período em que se inicia uma reflexão teológica feminista na Faculdades EST. Considerando o conjunto de trabalhos identificados na Biblioteca da instituição produzidos antes de 1991 tem-se, então, o seguinte gráfico:

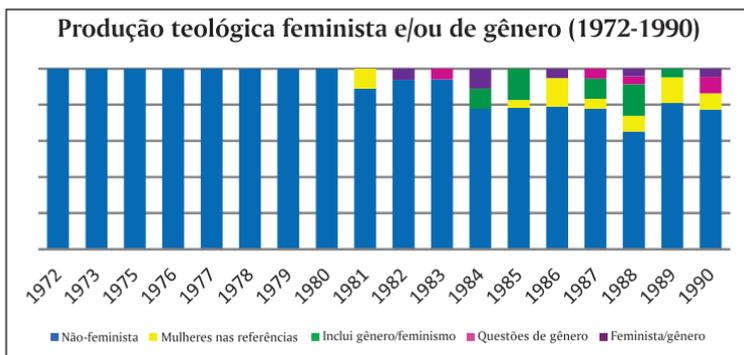


Gráfico 13

O que se constata é que, a partir da década de 1980, obras escritas por mulheres começam a figurar mais significativamente nas referências utilizadas para confecção dos trabalhos. A seguir, a discussão sobre temas relacionados às mulheres começa a aparecer em partes dos trabalhos e depois como tema central. Concomitantemente vai surgindo uma produção teológica feminista. Essa situação, no entanto, não se reflete nas monografias e dissertações de Mestrado desse período, ainda quando considerado o número reduzido de documentos.

MESTRADO EM TEOLOGIA

No período que antecede o foco da pesquisa que deu origem a esse livro (1991-2012) foram encontradas duas (1) monografias e oito (8) dissertações de Mestrado. Todas elas foram produzidas por estudantes do sexo masculino e apenas 1 (uma) foi identificada como “produção teológica que inclui a discussão sobre gênero/feminismo”⁶⁸ e foi desenvolvida na área da Teologia Bíblica.⁶⁹ Entre a monografia e as oito (8) dissertações, apenas uma (1) tem uma mulher como coorienta-

68 A pesquisa é sobre “Leitura popular da Bíblia entre o horizonte da igreja e a consciência de classe”, apresenta cerca de quatro mulheres na bibliografia, sendo que um dos títulos aborda a pastoral da mulher e trabalha com grupos de mães (TM 8).

69 A maioria das pesquisas desse período é nessa área (5 – incluindo a monografia), sendo que uma (1) é na área de Teologia Prática, duas (2) na área de Teologia Histórico-Sistemática e uma (1) não tem identificação de área.

dora (TM 5),⁷⁰ sendo também aquela na qual há maior número de referências a obras escritas por mulheres.⁷¹ Considerando o número reduzido de pesquisas desenvolvidas antes de 1991 no Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, não é possível tirar conclusões definitivas sobre a produção teológica feminista e de gênero nesse âmbito, mas percebe-se que a discussão atual na graduação sobre essas questões ainda não está presente – e levará algum tempo para que esteja, como se vê nos próximos capítulos.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

São de 1982 os primeiros trabalhos em que é possível identificar uma produção teológica feminista seguindo os critérios estabelecidos pela pesquisa. O tema aparece no título ou então na presença significativa de referências a teólogas feministas. Nesse sentido, o desenvolvimento da teologia feminista em outros lugares ressoa na América Latina e na Faculdades EST, sendo possível identificar trabalhos tematizando questões relacionadas ou dentro da perspectiva da teologia

70 Trata-se de Saskia H. Ossewaarde Nie.

71 Além disso, três (3) dissertações apresentam poucas referências a obras escritas por mulheres e em quatro dissertações e na monografia (4) não há referência a nenhuma obra escrita por mulheres, sendo que em dois (2) casos todas as referências são apresentadas apenas com as iniciais do primeiro nome e em um (1) várias aparecem apenas com as iniciais, não permitindo a identificação. Como mencionado em Musskopf (2014), essa pode ser uma forma de invisibilização da produção de mulheres.

feminista já na década de 1980. Considerando os dados apresentados acima e as condições de produção e disponibilização dos trabalhos produzidos, é possível supor que vários trabalhos escritos por mulheres e/ou desenvolvidos na área da Teologia Feminista não foram indicados para a Biblioteca. Ainda assim, não deixa de ficar evidente a emergência de uma produção teológica feminista no período anterior a 1991, e que aumentará e se aprofundará no período seguinte com a criação da Cátedra de Teologia Feminista e todos os desdobramentos decorrentes.

Trabalhos acadêmicos produzidos no Bacharelado em Teologia (1991-2012)

Em 1991 a Professora Doutora Wanda Deifelt foi contratada pela Faculdade EST para assumir o desenvolvimento do projeto Cátedra de Teologia Feminista. Este projeto incluía o oferecimento da disciplina Teologia Feminista como curso obrigatório no Bacharelado em Teologia, mas tinha como objetivo maior fomentar a discussão e o estudo nessa área através de atividades diversas. Como visto, essa foi uma conquista dos/as estudantes a partir da atuação da Comissão Pró-Teóloga e, principalmente, do Grupo de Mulheres. Ao longo dos anos muitas atividades foram realizadas através da articulação da Cátedra de Teologia Feminista na instituição e para além dela. Um dos exemplos dessa articulação foi a participação ativa na organização e realização dos Encontros Estaduais de Teologia

Feminista no Rio Grande do Sul em parceria com outros institutos de teologia.⁷²

A presença da Teologia Feminista como disciplina obrigatória no Bacharelado em Teologia se manteve mesmo com as diversas revisões do currículo do curso, até mesmo após o seu reconhecimento pelo Ministério da Educação. A criação do Núcleo de Pesquisa de Gênero (ainda em 1999) fortaleceu o debate em âmbito de pesquisa e pós-graduação, oportunizando um espaço de aprofundamento também para estudantes da graduação. Assim, até 2008, havia dois espaços institucionais de articulação da formação e pesquisa sobre feminismo e gênero na Faculdades EST – a Cátedra de Teologia Feminista e o Núcleo de Pesquisa de Gênero – nem sempre com limites tão claros entre um e outro. Além disso, durante esse período a instituição contou com uma docente contratada através de projeto de financiamento para o desenvolvimento de ações nesse campo.

O Programa de Gênero e Religião, projeto implantado a partir de 2009, foi a resposta institucional para garantir a continuidade da discussão e produção na instituição dentro de um novo contexto. O foco das ações previstas no novo projeto, no entanto, estava na realização de cursos de especialização, na manutenção da coordenação do Núcleo de Pesquisa

72 De 1996 a 2007 foram realizados doze Encontros Estaduais de Teologia Feminista com a participação de docentes e estudantes da Faculdades EST. Parte significativa dessa história está coletada em WEILER, Lucia; PINTO, Raquel Pena; PIRES, Sandra Maria (orgs.). *Teologia feminista: Tecendo fios de ternura e resistência*. Porto Alegre: ESTEF, 2008.

e na realização dos Congressos Latino-Americanos de Gênero e Religião. Com isso, de 2009 a 2012 houve uma significativa redução de atividades institucionais na área de Teologia Feminista e Estudos de Gênero, particularmente no âmbito da graduação.

No que se segue são apresentados os dados coletados acerca dos trabalhos acadêmicos produzidos por estudantes do Bacharelado em Teologia e disponibilizados na Biblioteca da instituição desde a criação da Cátedra de Teologia Feminista (1991) até o período imediatamente anterior à realização da pesquisa (2012). O objetivo é verificar, a partir desses dados, o impacto da criação e implementação da Cátedra de Teologia Feminista, por um lado, e as consequências da criação e implementação do Programa de Gênero e Religião, por outro. A análise desses dados permitirá avaliar a importância desses espaços institucionais para a produção teológica feminista e/ou de gênero, considerando as diversas questões implicadas na criação de cada um deles, bem como visibilizar a produção teológica feminista e/ou de gênero desenvolvida na instituição.

DADOS GERAIS

Os documentos identificados como trabalhos acadêmicos produzidos no âmbito do Bacharelado em Teologia da Faculdade EST, assim como no caso dos trabalhos analisados no Capítulo 2, referem-se exclusivamente àqueles que foram indicados pelos/as orientadores/as para disponibilização na

Biblioteca da instituição e não ao conjunto de trabalhos produzidos por estudantes do curso. Diferentemente do período anterior a 1991, há um número significativamente menor de trabalhos nos quais não foi possível identificar (NSA) as categorias de análise definidas pela pesquisa, permitindo uma avaliação mais detalhada e precisa deles.

A pesquisa identificou 255 trabalhos produzidos entre 1991 e 2012 na Biblioteca da Faculdades EST. Os documentos estão assim distribuídos:

Autoria ⁷³		Orientação		
Homens	Mulheres	Orientadores	Orientadoras	NSA
154	98	135	46	74

Tabela 6

Tipo					Área			
Semest.	TCC	Exegese	Discipl.	NSA	TB	TP	TS	NSA
113	122	8	6	6	32	106	71	46

Tabela 7

Referências	Presença de autoras	Ausência de autoras
	172	83

Tabela 8

Os dados acima, quando comparados ao período anterior a 1991, revelam mudanças significativas em vários aspectos. A

73 Três trabalhos (T435, T436 e T459) foram produzidos por mais de um/a autor/a.

proporção de trabalhos produzidos por **homens** e **mulheres**, por exemplo, se altera consideravelmente. Se de todos os documentos identificados antes de 1991 apenas 13% (32) foram produzidos por mulheres, no período de 1991 a 2012 esse índice corresponde a 39% (98) dos trabalhos indicados para a Biblioteca. Um dos fatores que, sem dúvida, influencia nessa mudança é o aumento do número de mulheres estudando teologia ao longo dos anos, chegando a igualar e até superar o número de estudantes homens. Ainda assim, o número de trabalhos produzidos por homens e disponibilizados na Biblioteca segue sendo superior ao número de trabalhos produzidos por mulheres, sendo igualado ou superado apenas em anos posteriores a 2006, quando também se percebe uma redução geral no número de trabalhos indicados para a Biblioteca conforme mostra o gráfico a seguir.

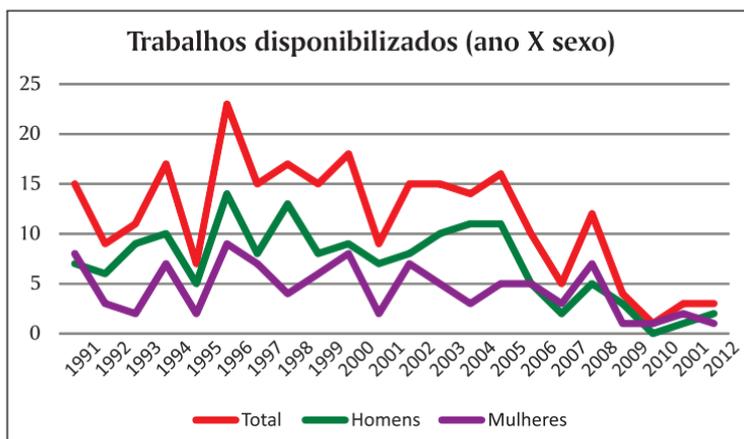


Gráfico 14

É difícil definir os motivos para que um número inferior de trabalhos produzidos por mulheres tenha sido indicado para a Biblioteca para além da diferença presumível entre o número de estudantes homens e mulheres no quadro discente em determinados períodos. Caso contrário, seria necessário supor que os trabalhos produzidos por mulheres não apresentam o mesmo grau de qualidade, inovação e relevância dos trabalhos escritos por homens. Há que se considerar, no entanto, também o fato de que os trabalhos são indicados por quem os orienta. Apesar do número ainda significativo de trabalhos onde não foi possível identificar o/a orientador/a (74, correspondendo a 29% do total), em 181 trabalhos foi possível identificar o/a orientador/a, assim distribuídos/as: 135 trabalhos foram orientados por homens (84 produzidos por homens, 48 produzidos por mulheres e 3 com vários/as autores/as) e 46 foram orientados por mulheres (21 produzidos por homens e 25 produzidos por mulheres). Gráficamente, isso se expressa da seguinte maneira:

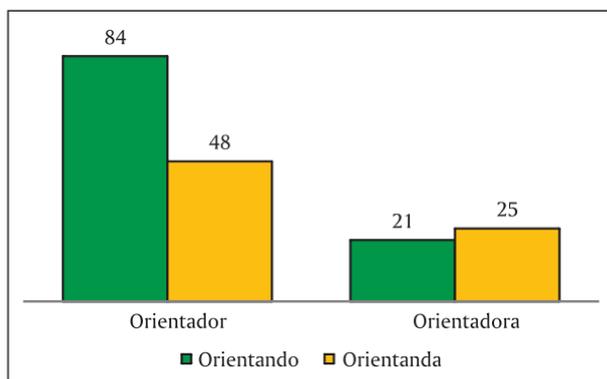


Gráfico 15

Embora comparativamente reduzido, destaca-se um número significativo de trabalhos disponibilizados na Biblioteca orientados por docentes mulheres. Isso revela uma maior presença de mulheres no corpo docente durante o período em análise. A maioria dos trabalhos (75%) produzidos entre 1991 e 2012 foi indicada para a Biblioteca por homens, reafirmando o fato de que a maior parte do corpo docente tem sido historicamente composta por homens. Ainda assim, é visível o aumento do número de trabalhos orientados por mulheres assim como o fato de que orientadoras mulheres indicam proporcionalmente mais trabalhos de estudantes mulheres para a Biblioteca (54%) do que orientadores homens (36%). É possível que isso ocorra porque estudantes mulheres procuram orientadoras mulheres mais do que estudantes homens.

Entre as orientadoras mencionadas nos trabalhos estão as seguintes professoras:

Orientadora	Trabalhos orientados
Adriane Luisa Rodolpho	1
Alicia Puente de Guzmán	1
Elaine Gleci Neuenfeldt	2
Gisela Beulke	2
Janet W. May	1
Karin Hellen Kepler Wondracek	11
Laude Erandi Brandenburg	1
Márcia Elaine L. da Paixão	5
Marga Janete Ströher	6
Saskia H. Ossewaarde Van-Nie	1
Sissi Georg	2
Walbruga Schmiedt Streck	1
Wanda Deifelt	12

Tabela 9

Em negrito estão destacadas as docentes que desenvolveram os projetos Cátedra de Teologia Feminista (1991 a 2008) e Programa de Gênero e Religião (2009 a 2012). O fato de ter sido produzido por estudante mulher e/ou ter sido orientado por docente mulher não necessariamente significa que o trabalho seja classificável como “produção teológica feminista e/ou de gênero”. Ainda assim vale destacar que dos 46 trabalhos orientados por mulheres 55% foram orientados por docentes ligadas diretamente à Cátedra de Teologia Feminista e/ou ao Programa de Gênero e Religião. Na lista acima também é possível identificar duas docentes estrangeiras que orientaram trabalhos de estudantes em intercâmbio ou como professoras visitantes.

A maioria absoluta das demais orientadoras atua em disciplinas relacionadas à Área de Teologia Prática.⁷⁴ Isso poderia explicar o aumento expressivo de trabalhos disponibilizados na Biblioteca com indicação de terem sido desenvolvidos na área de Teologia Prática, como revela o gráfico a seguir.⁷⁵

74 É interessante perceber que a formação de três das quatro professoras responsáveis pelos projetos da Cátedra de Teologia Feminista e/ou do Programa de Gênero e Religião não era na Área de Teologia Prática: Wanda Deifelt (Teologia Sistemática); Elaine Gleci Neuenfeldt e Marga Janete Ströher (Teologia Bíblica).

75 Dos trabalhos produzidos antes de 1991, 34% (81 trabalhos) não indicam a área na qual foram desenvolvidos e dos produzidos entre 1991 e 2012, 23% (46 trabalhos) não indicam.

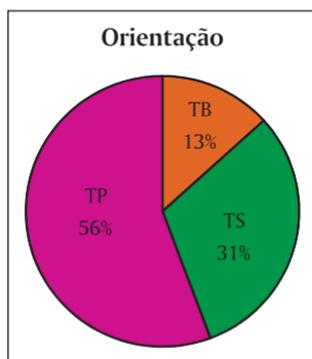


Gráfico 16

A importância dos trabalhos orientados e produzidos por mulheres nessa inversão⁷⁶ pode ser melhor percebida quando analisados separadamente dos trabalhos orientados e produzidos por homens, como revelam os gráficos a seguir.

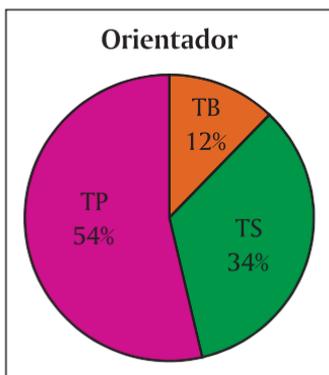


Gráfico 17

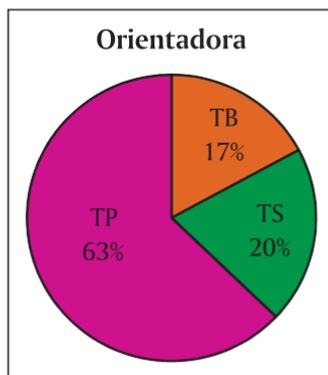


Gráfico 18

76 Conforme nota 57 do Capítulo 2, dos trabalhos com indicação da área antes de 1991: Teologia Bíblica – 38%; Teologia Histórico-Sistemática – 32%; Teologia Prática – 30%.

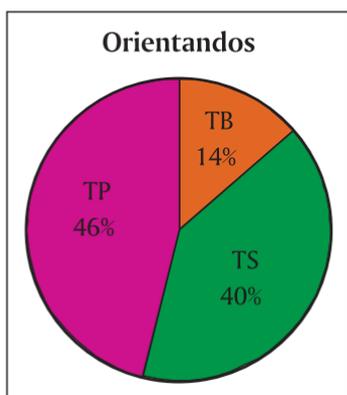


Gráfico 19

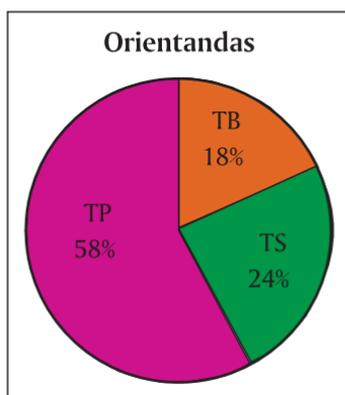


Gráfico 20

Enquanto antes de 1991 há um equilíbrio entre as três áreas com pequena vantagem para os trabalhos produzidos na Área Bíblica, de 1991 a 2012 a absoluta maioria dos trabalhos indicados para a Biblioteca foram desenvolvidos na Área Prática, com drástica diminuição na Área Bíblica e praticamente o mesmo percentual na Área Histórico-Sistemática em comparação com o período anterior. Isso pode revelar uma mudança de ênfase na própria instituição.

No que diz respeito ao papel desempenhado por mulheres (orientadoras e orientandas) nesse quadro, não resta dúvidas de que mulheres orientaram (63%) e produziram (58%) mais trabalhos disponibilizados na Biblioteca na Área Prática. Embora os percentuais relativos aos homens que orientaram (54%) e produziram (46%) trabalhos nessa área também sejam maiores em comparação com as demais Áreas, não deixa de chamar à atenção que, proporcionalmente, os homens orien-

taram (34%) e produziram (40%) mais trabalhos na área de Teologia Histórico-Sistemática quando comparados às mulheres (respectivamente 20% e 24%). É difícil dizer se o fato de mais trabalhos orientados e produzidos por mulheres na Área Prática e disponibilizados na Biblioteca reflete um interesse maior por parte das docentes e estudantes por essa área, sua presença e seu desempenho seja melhor nela ou simplesmente sua produção em Áreas como Teologia Bíblica e Histórico-Sistemática não seja considerada tão relevante.

A mesma inversão pode ser percebida quanto ao **tipo de trabalho**. Enquanto antes de 1991 a maioria dos trabalhos disponibilizados são Trabalhos Semestrais (60%), no período entre 1991 e 2012 há um equilíbrio entre Trabalhos Semestrais (44%) e Trabalhos de Conclusão (48%).⁷⁷ Quando analisados a partir da área em que foram produzidos em ambos os casos, a maioria é da Área Prática: 45% dos Semestrais e 58% dos Trabalhos de Conclusão. Essa diferença se expressa num número maior de Trabalhos Semestrais identificados na Área de Teologia Histórico-Sistemática (45%) em comparação com os Trabalhos de Conclusão (27%).

77 Os demais trabalhos correspondem a: Disciplina – 3% (6); Exegese – 3% (8); NSA – 2% (6).

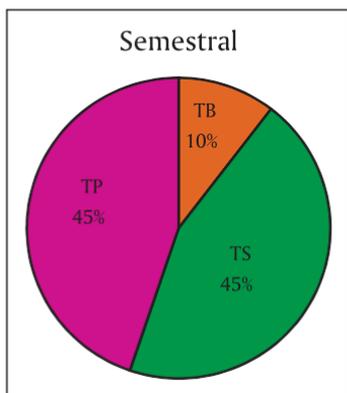


Gráfico 21

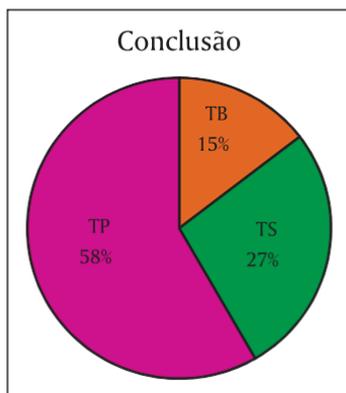


Gráfico 22

O fato de que haja um maior número de trabalhos indicados à Biblioteca produzidos na Área de Teologia Prática, área na qual as mulheres foram as que mais orientaram e produziram os trabalhos indicados, é resultado direto do fato de que o número de Trabalhos de Conclusão orientados e produzidos por mulheres também é maior.⁷⁸

78 O número de trabalhos identificados orientados e produzidos por homens praticamente não varia com relação ao tipo: 50% dos Trabalhos Semestrais foram orientados por homens e 51% dos produzidos por homens em relação a 50% dos Trabalhos de Conclusão (TCC) que foram orientados por homens e 49% que foram produzidos por homens. Desses percentuais estão excluídos exegeses, trabalhos produzidos para disciplinas e sem classificação (NSA) que somam 12 (9%) orientados por homens e 14 (9%) produzidos por homens, para apenas 2 trabalhos orientados por mulheres e 2 produzidos por mulheres.

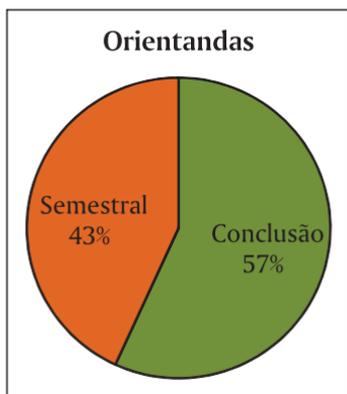


Gráfico 23

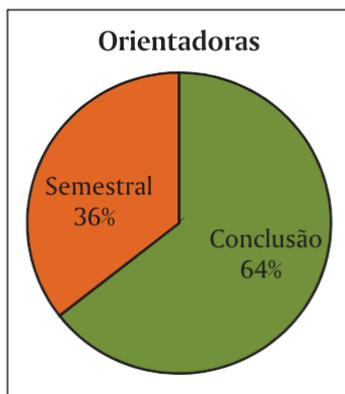


Gráfico 24

O equilíbrio entre o número total de Trabalhos Semestrais e Trabalhos de Conclusão é garantido pelo maior número de Trabalhos de Conclusão produzidos por mulheres (57% para o período entre 1991 e 2012 em comparação a 21% para o período anterior a 1991). Ou seja, há um aumento no número de trabalhos orientados e produzidos por mulheres e um aumento no número de Trabalhos de Conclusão indicados à Biblioteca, incidindo no aumento do número de trabalhos produzidos na Área de Teologia Prática. Em outras palavras, mais mulheres estudando teologia e sendo orientadas por docentes mulheres fez com que mais Trabalhos de Conclusão orientados e produzidos por elas fossem indicados à Biblioteca, majoritariamente na área de Teologia Prática. Abaixo (Capítulo 5) será possível comparar esses dados com os dados sobre a produção teológica feminista e/ou de gênero e analisar possíveis implicações.

Embora seja possível produzir um trabalho com uma abordagem feminista ou utilizando metodologia feminista

partindo de referências a obras produzidas por homens (especialmente usando a estratégia de desconstrução e reconstrução), nessa pesquisa adotou-se como um dos indicadores para identificar a “produção teológica feminista e/ou de gênero” a presença de autoras de obras feministas e de gênero nas referências bibliográficas. Nesse ponto também percebe-se uma mudança significativa entre o período anterior a 1991 e o período de 1991 a 2012. Enquanto no período anterior a 1991 a proporção de trabalhos que não menciona nenhuma obra produzida por mulher representa 56% (Não) para 44% (Sim), no período de 1991 a 2012 essa proporção se inverte para 29% (Não) e 71% (Sim). Isso, por si só, revela uma maior leitura de obras produzidas por mulheres a partir da implantação da Cátedra de Teologia Feminista (1991), ainda que também seja necessário considerar uma maior produção por mulheres nesse período e sua disponibilização para consulta (inclusive a disponibilidade na Biblioteca).

Quando analisados separadamente os trabalhos produzidos por homens e mulheres, no entanto, essa variação demonstra algumas questões que merecem destaque. Enquanto no período anterior a 1991, 60% dos homens não mencionam nenhuma mulher em suas referências, para os trabalhos produzidos por mulheres esse valor equivale a 34%. No período de 1991 a 2012, a diferença proporcional aumenta, sendo que 40% dos homens não mencionam nenhuma mulher em suas referências enquanto isso ocorre com apenas 18% dos trabalhos escritos por mulheres. Ou seja, embora haja um aumento no número geral de trabalhos em que há referências a obras escritas por autoras mulheres, proporcionalmente esse aumento é maior no caso das mulheres do que dos homens, como revela o gráfico a seguir:

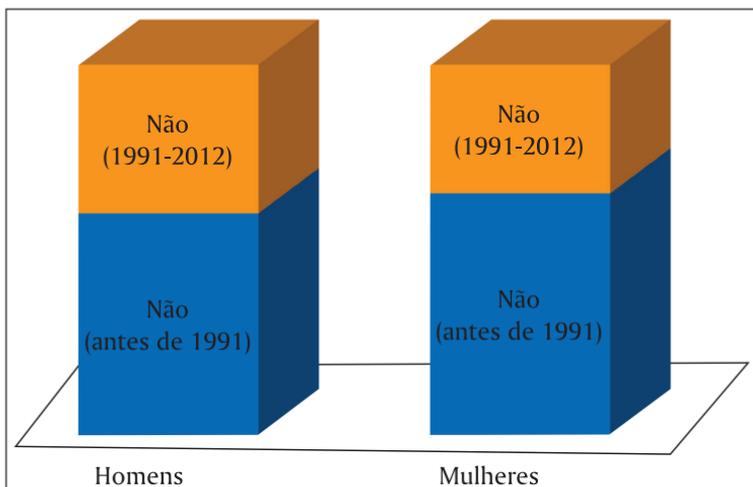


Gráfico 25

Com relação aos trabalhos produzidos por mulheres, percebe-se uma pequena queda percentual na presença de referências a obras escritas por mulheres quando comparados os números totais do período anterior a 1991. Ainda assim, as mulheres continuam citando mais obras produzidas por mulheres do que os homens.

Como visto no Capítulo 2, esses dados também escondem algumas armadilhas. Quando olhados separadamente os trabalhos que não mencionam nenhuma mulher, é preciso considerar um número significativo de trabalhos que apresentem as referências bibliográficas utilizadas na confecção do trabalho apenas com as iniciais do primeiro nome (não sendo possível identificar se o/a autor/a é homem ou mulher). Assim, têm-se os seguintes dados:⁷⁹

⁷⁹ Nas tabelas a seguir, as categorias “algumas”, “várias” e “todas” representam, respectivamente, trabalhos em que a autoria de algumas

Ano 91			
	Algumas	Várias	Todas
Homens	16	16	10
Mulheres	3	1	1
Total	19	17	11

Tabela 10

1991-2012			
	Algumas	Várias	Todas
Homens	11	12	6
Mulheres	7	0	6
Total	18	12	12

Tabela 11

Embora a utilização apenas das iniciais do primeiro nome nas referências bibliográficas tenha sido comum nos trabalhos acadêmicos, é possível perceber um maior cuidado por parte das mulheres em identificar a autoria quanto ao sexo. Além disso, mesmo nos trabalhos em que foram identificadas autoras mulheres na bibliografia, a questão não é tão simples. Um olhar mais cuidadoso desses trabalhos revela que em muitos a presença é praticamente insignificante.⁸⁰

Presença de até 5 obras escritas por mulheres nas referências		Presença de poucas obras escritas por mulheres nas referências	
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
43	14	16	10

Tabela 12

obras é apresentada apenas com a inicial do primeiro nome, a autoria de várias obras é apresentada com a inicial do primeiro nome e a autoria de todas as obras é apresentada apenas com a inicial do primeiro nome.

80 Os números apresentados são bastante semelhantes àqueles apresentados com relação ao período anterior a 1991 (Tabela 4).

Com base nessas considerações tem-se o seguinte quadro com relação à presença de obras escritas por mulheres nas referências dos trabalhos identificados:



Gráfico 26

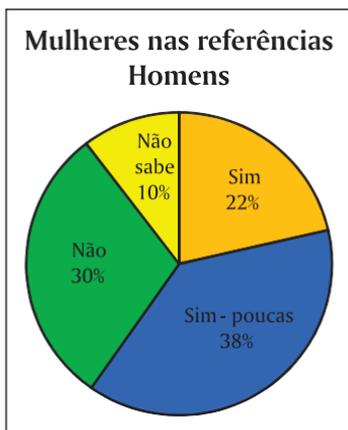


Gráfico 27

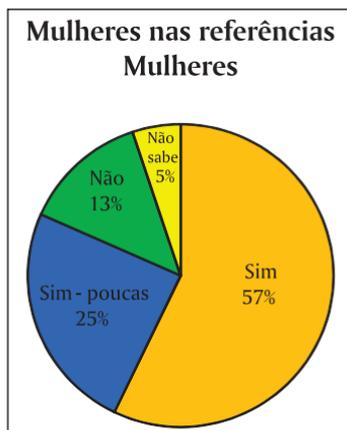


Gráfico 28

Dos trabalhos em que não há nas referências nenhuma obra escrita por mulheres, 29 foram orientados por homens e 3 por mulheres,⁸¹ 28 foram produzidos na Área de Teologia Histórico-Sistemática, 19 na Área de Teologia Prática e 6 na Área de Teologia Bíblica.⁸² Naqueles em que não se sabe se há referência a obra escrita por mulheres por conta da apresentação do primeiro nome apenas com a inicial, 10 foram orientados por homens e 2 por mulheres,⁸³ 42 foram produzidos na Área de Teologia Prática, 17 em Teologia Histórico-Sistemática e 10 na Área Bíblica.⁸⁴ Nos trabalhos em que há poucas referências a obras escritas por mulheres 55 foram orientados por homens e 12 por mulheres.⁸⁵ 40 foram produzidos na Área de Teologia Prática, 22 em Teologia Histórico-Sistemática e 7 na Área Bíblica.⁸⁶ Assim, quando o trabalho é orientado por docente homem há menos presença de obras escritas por mulheres nas referências. Além disso, o número de trabalhos produzidos na Área de Teologia Histórico-Sistemática aparece como aquele em que há proporcionalmente menos referências a obras escritas por mulheres. Mais uma vez destaca-se a Área de Teologia Prática como a Área em que mais obras escritas por mulheres são usadas como referências, sendo a Área em que há maior número de trabalhos orientados e produzidos por mulheres, como visto acima.

81 Em 27 trabalhos não há informação sobre orientação.

82 Em 6 trabalhos não há informação sobre a área.

83 Em 12 trabalhos não há informação sobre orientação.

84 Em 6 trabalhos não há informação sobre a área.

85 Em 16 trabalhos não há informação sobre orientação.

86 Em 14 trabalhos não há informação sobre a área.

Enquanto no período anterior a 1991 os trabalhos produzidos por mulheres, como visto no Capítulo 2, não tratavam de temas “tradicionais” da teologia, revelando grande criatividade e proximidade com a Teologia da Libertação, essa realidade muda completamente no período de 1991 a 2012. Muitos trabalhos produzidos por mulheres e classificados como não-feminista (especialmente não abordando questões relacionadas a mulheres e gênero e sem referências feministas na bibliografia) trabalham temas clássicos, várias retornando a Lutero,⁸⁷ e focam nas instituições (IECLB, EST, Igreja).⁸⁸ Isso é especialmente evidente em trabalhos mais tardios. Entre outras questões, isso poderia expressar a sensação por parte das mulheres de que precisam provar que entendem de “teologia oficial” (entendida como aceita e verdadeira nas instituições) e não apenas de “questões específicas e particulares”, como muitas vezes são compreendidas as temáticas trabalhadas e metodologias empregadas no âmbito da Teologia Feminista e/ou de Gênero.

87 Por exemplo, T418 (*Fé e obras em Lutero: uma contribuição para a fundamentação teológica da Diaconia*); T420 (*Fé e sofrimento em Martin Lutero e Thomas Muentzer (1518-1525)*); T515 (*Diaconia em Lutero: a justificação por graça e fé na perspectiva diaconal*); T533 (*A pessoa portadora de doença mental a partir da Reforma Luterana: tipologia das visões eclesiais e teológicas*); T547 (*Sofrimento em Lutero*).

88 Por exemplo, T283 (*A igreja e a pessoa portadora de deficiência física*); T362 (*Ensaio de um diálogo inter-religioso: umbanda e desafios para a IECLB*); T428 (*As curas de Jesus: em busca de princípios orientadores para o agir terapêutico da IECLB*); T484 (*O sacramento do altar na EST*).

PRODUÇÃO TEOLÓGICA FEMINISTA E/OU DE GÊNERO

Seguindo os critérios definidos para o agrupamento dos documentos analisados, têm-se os seguintes resultados:

- produção teológica não-feminista: 158;
- produção teológica com presença significativa de mulheres nas referências: 38;
- produção teológica que inclui a discussão sobre gênero/feminismo: 19;⁸⁹
- produção teológica sobre questões de gênero: 12;⁹⁰
- produção teológica feminista e/ou de gênero: 28;⁹¹

89 Neste grupo, no entanto, foram incluídos também os trabalhos que tematizam questões relacionadas às mulheres ao longo do trabalho (em itens específicos). Vale ressaltar que, embora esses trabalhos tematizem a “questão das mulheres” e alguns incluam referências feministas/de gênero, os trabalhos não necessariamente propõem uma reflexão feminista e/ou de gênero.

90 Escritos por homens: T289 (*A cruz na história da Teologia: um estudo introdutório*); T324 (*Mar, terra e teologia: introdução à Teologia do Pacífico*); T505 (*E não vos chamo servos e sim amigos... João 15.15: por uma teologia da amizade*); T554 (*Sim, com o auxílio de Deus, e da Igreja!*). Três (3) desses trabalhos foram orientados por docentes mulheres e em um (1) não há indicação de orientação. Escritos por mulheres: T266 (*(Des) conhecida mariologia*); T267 (*Mulher nas reduções indígenas: ótica da evangelização*); T291 (*A mulher e a serpente Gn 3.1-7: perspectivas para leitura*); T317 (*Bruxas nos tempos de Lutero: as mulheres que ajudaram a escrever a História da Reforma Luterana*); T381 (*Violência sexual na infância: rumo a um Aconselhamento Pastoral*); T391 (*Homossexualidade: 'Deus escolheu as coisas loucas... para envergonhar as fortes'*); T395 (*Virgem de Guadalupe: um símbolo de resistência cultural religiosa*); T423 (*Espiritualidade desde a perspectiva das mulheres andinas*). Dois (2) desses trabalhos foram orientados por docentes mulheres, um (1) por homem e em cinco (5) não há indicação de orientação.

91 Esses trabalhos serão discutidos no último capítulo desse livro.

Os números deixam claro uma maior presença da discussão feminista e/ou de gênero nos trabalhos indicados para a Biblioteca em relação ao período anterior a 1991. Graficamente isso se expressa da seguinte forma:

Antes de 1991

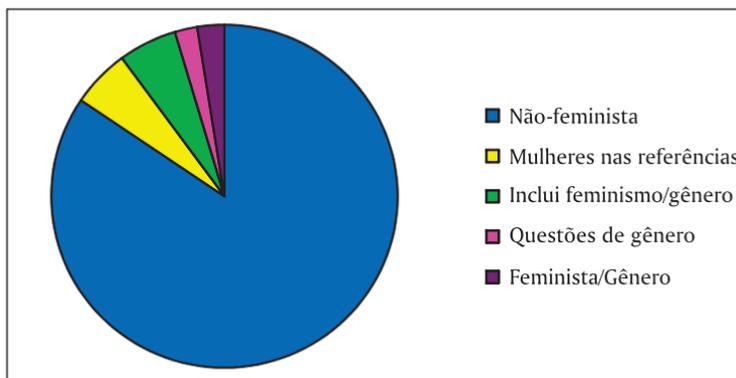


Gráfico 29

1991-2012

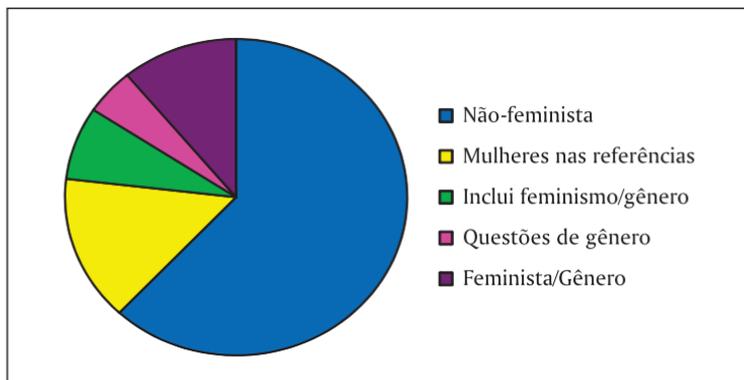


Gráfico 30

Quando analisados segundo sexo do/a autor/a, a distribuição dos trabalhos identificados ao longo do período em análise expressa-se graficamente da seguinte forma:

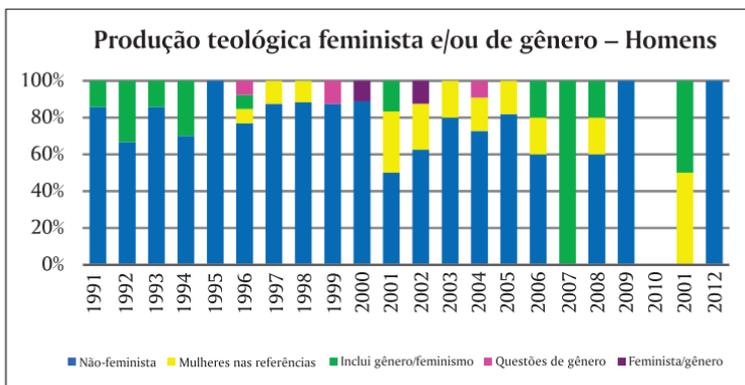


Gráfico 31

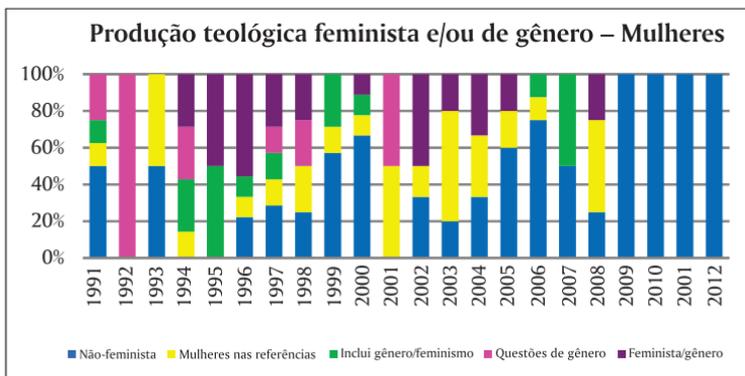


Gráfico 32

Embora nos primeiros anos seguintes à criação da Cátedra de Teologia Feminista não tenha sido identificado um volume tão grande de trabalhos desenvolvidos na área de Teologia Feminista e Estudos de Gênero, a partir de 1994 há uma produção mais constante, especialmente por parte das mulheres. De modo geral percebe-se um maior interesse nesses temas e discussões por parte dos trabalhos produzidos por mulheres analisados nessa pesquisa com uma tímida aproximação por parte dos homens. O que mais chama a atenção, no entanto, é a mudança significativa que ocorre após 2008, quando todos os trabalhos produzidos por mulheres identificados na Biblioteca foram classificados como não-feminista. Isso coincide com o fim da Cátedra de Teologia Feminista e a criação do Programa de Gênero e Religião. Outras questões com relação a essa produção são discutidas no Capítulo 5.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Para pensar numa produção teológica feminista e/ou de gênero é necessário considerar o contexto nacional, continental e mundial de desenvolvimento das teologias feministas e de gênero. Aliado a isso, é preciso considerar o desenvolvimento e a atuação do movimento social (feminista) e, no que diz respeito concretamente à Faculdades EST e sua relação com a IECLB, a presença de mulheres estudando e produzindo teologia nas instituições. Para que haja efetivamente uma produção feminista e de gênero é necessária a utilização de teorias e métodos críticos que sejam capazes de realizar pro-

cessos de desconstrução e reconstrução, inclusive por parte dos homens. A análise realizada no Capítulo 2 dos trabalhos disponibilizados na Biblioteca da Faculdade EST produzidos antes de 1991, especialmente na segunda metade da década de 1980, revelou a emergência dessa produção na instituição. Os dados acerca do período posterior (1991 a 2012), por outro lado, revelaram a ampliação e aprofundamento dessa produção.

Torna-se evidente que a presença de docentes identificadas com essas temáticas no corpo docente e espaços de articulação foram fundamentais para isso, até mesmo do ponto de vista de indicação dos trabalhos para serem disponibilizados na Biblioteca. Olhando para os materiais analisados e suas condições de produção, é preciso considerar que, para que essa produção seja possível, é necessário que estejam acessíveis obras e materiais que apresentem e realizem essa reflexão nos “instrumentos” de pesquisa utilizados na instituição, incluindo-se aí de maneira especial a Biblioteca, com a manutenção de um acervo atualizado. Mais do que isso, é necessário que docentes conheçam e contemplem esses materiais em seus Planos de Ensino e nas bibliografias e temáticas sugeridas aos/às estudantes. A maior presença de obras escritas por mulheres nas referências, particularmente orientadas e produzidas por docentes e estudantes mulheres, revela essa preocupação, embora ainda seja necessário questionar por que o mesmo não ocorre (pelo menos no mesmo grau) em trabalhos orientados e produzidos por homens.

De qualquer forma, não há dúvida de que a Faculdade EST tem sido um espaço importante de produção teológica feminista e de gênero no âmbito do Bacharelado em Teologia e que a criação da Cátedra de Teologia Feminista foi importante para o desenvolvimento e ampliação do conhecimento produzido nessa área. Fica ainda a questão da maior incidência da indicação de Trabalhos de Conclusão e desenvolvidos na Área de Teologia Prática, especialmente por mulheres (docentes e estudantes), na sua relação com a produção teológica feminista e/ou de gênero, a qual será discutida no Capítulo 4. Particularmente preocupante, no entanto, é o fato de não ter sido identificado depois de 2008, mesmo com a redução drástica de trabalhos indicados para a Biblioteca, nenhum trabalho que fosse classificável como “produção teológica sobre questões de gênero” e “produção teológica feminista e/ou de gênero”, inclusive com a existência de trabalhos que não mencionam nenhuma autora mulher em suas referências. Isso pode revelar as fragilidades enfrentadas a partir da criação do Programa de Gênero e Religião, com a redução do orçamento disponível para essa área e a falta de docentes identificadas com a Teologia Feminista e os Estudos de Gênero no corpo docente.

Monografias, dissertações e teses produzidas no Programa de Pós-Graduação em Teologia (1991-2012)

O Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade EST foi criado em 1981 como Curso de Mestrado, embora os primeiros estudantes tenham ingressado apenas em 1993. A partir de parceria firmada com o Instituto Metodista Superior de São Bernardo do Campo-SP, em 1990 foi implantado o programa de Doutorado. Como visto no Capítulo 2, no período que antecede a criação da Cátedra de Teologia Feminista (1991) há poucos documentos produzidos no âmbito da pós-graduação sendo difícil estabelecer um comparativo. Se, por um lado, isso revela que a discussão e produção existente no âmbito do Bacharelado em Teologia nesse período parece não ter impacto imediato sobre a produção no âmbito da pós-graduação, por outro lado, permite uma análise mais consistente da pesquisa produzida na instituição.

O projeto Cátedra de Teologia Feminista, embora tenha sido resultado da discussão e pressão de estudantes do Ba-

charelado em Teologia, também tinha em vista a atuação da docente contratada no âmbito da pós-graduação. Isso incluía o oferecimento de disciplinas (gerais e específicas – como a disciplina optativa Teologia Feminista), o desenvolvimento de pesquisas próprias, participação em eventos e a orientação de estudantes do programa (Mestrado e Doutorado). A criação do Núcleo de Pesquisa de Gênero, a publicação de livros e a organização dos Congressos Latino-Americanos de Gênero e Religião são apenas alguns dos reflexos e resultados dessa atuação. Por isso, a pesquisa sobre a produção teológica feminista e/ou de gênero na Faculdades EST também investiga a produção desenvolvida na Pós-Graduação a qual, sem dúvida, tem sido uma inestimável contribuição para esse debate no Brasil e internacionalmente.

A identificação da produção teológica feminista e de gênero desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST (1991-2012) baseou-se em pesquisa documental no acervo da Biblioteca da instituição seguindo os mesmos procedimentos da pesquisa nos trabalhos acadêmicos produzidos no Bacharelado em Teologia. Foram analisadas monografias de estudantes produzidas durante o período de estudos no PPG (classificados sob a sigla T) disponibilizadas na Biblioteca por indicação de docentes, as dissertações de Mestrado (classificadas sob a sigla TM) e as teses de doutorado (classificadas sob a sigla TD) defendidas e aprovadas.⁹²

92 No caso de Dissertações de Mestrado, aquelas defendidas a partir de 2004, e no caso de Teses de Doutorado, aquelas defendidas a partir 2002, em sua grande maioria, o texto na íntegra está disponível em rede pelo próprio catálogo.

MONOGRAFIAS

A prática da indicação de monografias produzidas durante o estudo no Programa de Pós-Graduação por parte de docentes para o acervo da Biblioteca da Faculdades EST, geralmente desenvolvidas como tarefas de disciplinas cursadas, parece ter seguido a lógica da indicação dos trabalhos acadêmicos produzidos no Bacharelado em Teologia.⁹³ Tal prática, no entanto, perdurou apenas até o ano de 2001 (ano de produção do último documento identificado nessa categoria). Nesse sentido, assim como no caso das monografias produzidas antes de 1991, não é possível tirar conclusões definitivas, dado o pequeno número de documentos disponíveis, bem como o fato de não se tratar da totalidade de pesquisas produzidas, mas apenas daquelas indicadas por docentes para a Biblioteca.

Das 16 monografias identificadas entre o período de 1991 e 2001, 13 foram escritas por homens e 3 por mulheres. As três monografias produzidas por mulheres foram orientadas por homens e a única monografia orientada por uma mulher foi escrita por um homem.⁹⁴ No conjunto das monografias apenas duas (2) foram identificadas como “produção teológica que inclui a discussão sobre gênero/feminismo”,⁹⁵ sendo uma

93 Ver explicação na nota 49 do Capítulo 2.

94 Assim como no caso de monografia orientada por docente mulher antes de 1991, trata-se de Saskia H. Ossewaarde Nie (T302).

95 Uma das monografias é *Teologia no horizonte da diversidade hermenêutica: entre aprisionamentos e libertações* (T331) e apresenta um tópico específico sobre teologia feminista e teólogas nas referências e a outra é *Os processos de transformação do conhecimento em desenvolvimento moral através da vida cotidiana da escola confessional* (T503), que trabalha com histórias de vida.

escrita por homem e uma por mulher. A maioria das pesquisas foi desenvolvida na área de Teologia Histórico-Sistemática (inclusive 2 escritas por mulheres)⁹⁶, um número representativo tematiza a questão “hermenêutica”⁹⁷ e ainda percebe-se uma significativa ausência de obras escritas por mulheres nas referências.⁹⁸ Ou seja, nas monografias disponibilizadas na Biblioteca e produzidas durante os anos de 1990 (1992-2001), não é possível identificar uma presença significativa de discussões feministas e/ou de gênero. Já no caso de dissertações e teses, cuja disponibilização na Biblioteca é obrigatória para todas as pesquisas defendidas e aprovadas, será possível uma avaliação mais completa.

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

A pesquisa identificou no acervo da Biblioteca da Faculdade EST 244 Dissertações de Mestrado, assim distribuídas:

96 Das 16 monografias identificadas, nove (9) foram produzidas nessa Área, cinco (5) na Área de Teologia Prática e duas (2) na Área de Teologia Bíblica.

97 Quatro monografias expressam-no no título: T252, T308, T253, T331.

98 Em 10 (dez) monografias não foi identificada nenhuma referência a obra escrita por mulher (todas produzidas por homens). Nas 6 (seis) em que há, em quatro (4) monografias há menos de 4 obras escritas por mulheres nas referências (incluindo as três monografias escritas por mulheres), em uma (1) há poucas e em uma (1) há algumas. Além disso, em quatro (4) monografias há referências que apenas apresentam a inicial do primeiro nome, não sendo possível identificar se é homem ou mulher.

Autoria		Orientação		
Homens	Mulheres	Orientadores	Orientadoras	NSA
135	109	197	40	7

Tabela 13

Área				Referências	
TB	TP	TS	NSA	Presença de autoras	Ausência de autoras
32	150	57	5	229	15

Tabela 14

Os dados acima revelam questões importantes quando se pensa no espaço de mulheres na produção teológica, bem como nas condições em que se dá essa produção. A primeira coisa que chama à atenção é o índice relativamente equilibrado entre o número de dissertações produzidas por **homens** (55%) e por **mulheres** (45%), maior que o índice de trabalhos do Bacharelado em Teologia produzidos por mulheres e indicados para a Biblioteca (39% para o mesmo período). Essa presença mais igualitária de mulheres no quadro discente, no entanto, não é constante cronologicamente. Analisando os dados por ano, percebe-se que a presença de mulheres desenvolvendo pesquisas no Mestrado em Teologia se torna mais significativa apenas a partir de 1997, igualando e, às vezes, superando o número de documentos produzidos por homens, com uma redução a partir de 2009.

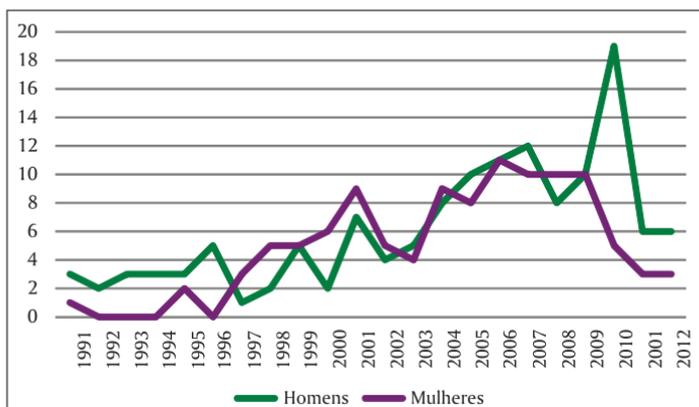


Gráfico 33

O aumento gradual no número de dissertações produzidas por mulheres, todavia, não é acompanhado por uma maior presença de docentes mulheres atuando na **orientação** das pesquisas. Aqui a absoluta maioria das pesquisas (83%) é orientada por docentes homens. As 40 dissertações orientadas por mulheres estão assim distribuídas:

Orientadora	Número de dissertações
Adriane Luísa Rodolpho	4
Elaine Gleci Neuenfeldt	1
Gisela I. W. Streck	10
Laude Erandi Brandenburg	3
Marga Janete Ströher	6
Maricel Mena López ⁹⁹	1
Sandra Vidal Nogueira	2
Valburga Schmiedt Streck	4
Wanda Deifelt	9

Tabela 15

99 A Professora Doutora Maricel Mena López, teóloga negra feminista, atuou na Faculdades EST de 2002 a 2004 como Bolsista Recém-Doutora.

Nota-se, também no âmbito do Mestrado, que a maioria das orientadoras estão ligadas à Área da Teologia Prática, mais especificamente à Área de Religião e Educação (abaixo). Com relação às professoras contratadas pelos projetos Cátedra de Teologia Feminista e Programa de Gênero e Religião (destacadas em negrito), percebe-se a ausência da Professora Doutora Márcia Paixão (não atuando na pós-graduação) e um número reduzido de trabalhos orientados pela Professora Doutora Elaine Gleci Neuenfeldt, mesmo tendo atuado por 4 anos na instituição. O número maior de dissertações orientadas pela Professora Doutora Marga Janete Ströher se deve ao fato de ela já ter atuado na instituição antes de assumir o projeto Programa de Gênero e Religião a partir de 2009.

Confirma-se a tendência percebida nos trabalhos do Bacharelado em Teologia de que, ainda que o número de orientadoras de trabalhos seja absurdamente menor, em termos comparativos mais estudantes mulheres são orientadas por docentes mulheres.

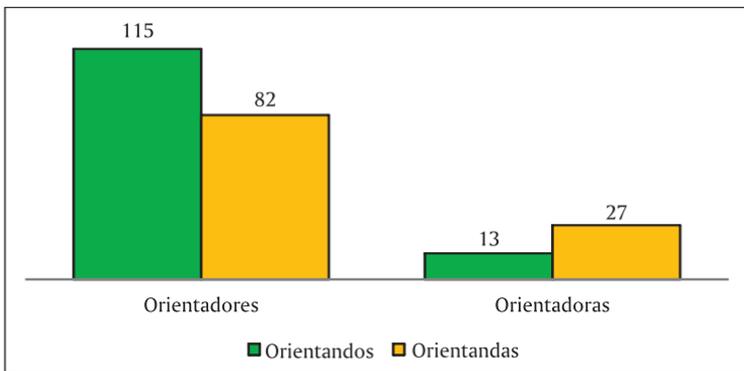


Gráfico 34

Também seguindo a tendência percebida no Bacharelado em Teologia, a maioria absoluta de dissertações produzidas foram desenvolvidas na **Área de Teologia Prática** (59%) em comparação às demais: 27% na Área de Teologia Histórico-Sistemática; e 14% na Área de Teologia Bíblica. Esse índice elevado, no entanto, é motivado por uma ampla maioria de dissertações produzidas por mulheres nessa área.

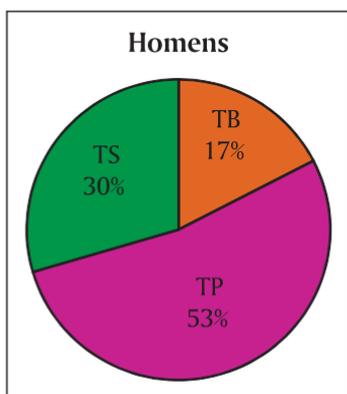


Gráfico 35

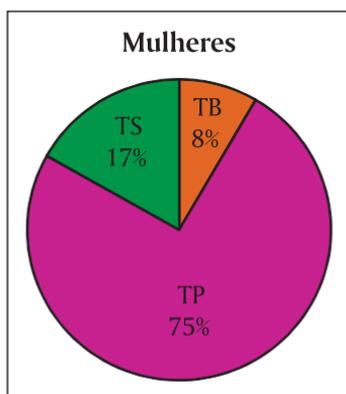


Gráfico 36

Quando olhados do ponto de vista de quem orienta os trabalhos, considerando o baixo número de trabalhos orientados por docentes mulheres, não há grande variação entre as áreas. O percentual de trabalhos desenvolvidos na Área Prática e orientados por mulheres é um pouco maior quando comparado ao de trabalhos produzidos por homens, com percentual um pouco maior nas Áreas de Teologia Histórico-Sistemática e Bíblica .

Um dado importante e que talvez explique esse grande volume de dissertações na Área da Teologia Prática é o fato de ter sido criada uma quarta área no Programa de Pós-Graduação: **Religião e Educação**.¹⁰⁰ Das 150 dissertações identificadas na Área de Teologia Prática, 50 (25%) foram produzidas nessa nova área. Aqui percebe-se a predominância de mulheres (34) produzindo as dissertações, mas não se confirma a prevalência de orientadoras (17 mulheres para 33 homens) ou mesmo de mulheres sendo orientadas por mulheres. Ou seja, o possível impacto da criação dessa nova área no total de dissertações identificadas com a Área de Teologia Prática, ou mesmo do total de dissertações produzidas no Programa de Pós-Graduação, incide num índice maior de mulheres desenvolvendo suas pesquisas nessa aqui como já observado de modo geral, mas não na diferença proporcional entre orientadores e orientadoras, embora haja mais docentes mulheres atuando nessa área, como acontece no Bacharelado.

No que diz respeito à presença de obras escritas por mulheres nas **referências** bibliográficas utilizadas para a produção das dissertações, há, primeiramente, uma mudança substancial com relação aos trabalhos produzidos no Bacharelado. Isso se deve, em parte, ao fato de que o volume de referências consultadas para a produção das dissertações de Mestrado geralmente é bastante amplo, abrangendo um universo biblio-

1000 primeiro trabalho identificado nessa área no Bacharelado em Teologia é de 2003 e a primeira Dissertação de Mestrado de 2004. Sendo um desdobramento da Área de Teologia Prática e tardio para o material analisado, optou-se por não apresentar essa Área em separado nos dados gerais.

gráfico maior. Ainda assim, surpreende que em 13 pesquisas não foi possível identificar a presença de nenhuma referência a obra escrita por mulher.¹⁰¹ Nas pesquisas em que não foi identificada a presença de autoras, seis (6) produzidas por homens e duas (2) produzidas por mulheres trazem referências apenas com as iniciais do primeiro nome do/a autor/a (em alguns casos todas as referências em outros apenas algumas), dificultando a identificação do sexo do/a autor/a.¹⁰²

No caso das pesquisas que contêm mulheres nas referências não há necessariamente um equilíbrio entre a utilização de referências nas dissertações produzidas por homens e por mulheres. Além daqueles em que há presença significativa de autoras, há documentos em que há menos de 5 mulheres referenciadas e outros em que há poucas, conforme demonstra a tabela a seguir:

Presença de até 5 obras escritas por mulheres nas referências		Presença de poucas obras escritas por mulheres nas referências	
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
30	7	38	15

Tabela 16

101 Aqui não é feita a distinção das obras escritas por mulheres no sentido de que se trata de reflexão feminista e/ou de gênero. Em alguns casos, a presença significativa de mulheres não significa, necessariamente, uma abordagem nesse campo de construção do conhecimento.

102 O número de dissertações em que aparecem referências apenas com a inicial do primeiro nome é bastante reduzido (19), não sendo tão representativo.

Considerando o conjunto dos dados, percebe-se uma presença significativa de obras escritas por mulheres em 57% das dissertações. São, no entanto, as mulheres que garantem esse índice na produção de suas dissertações, como revela o gráfico a seguir.

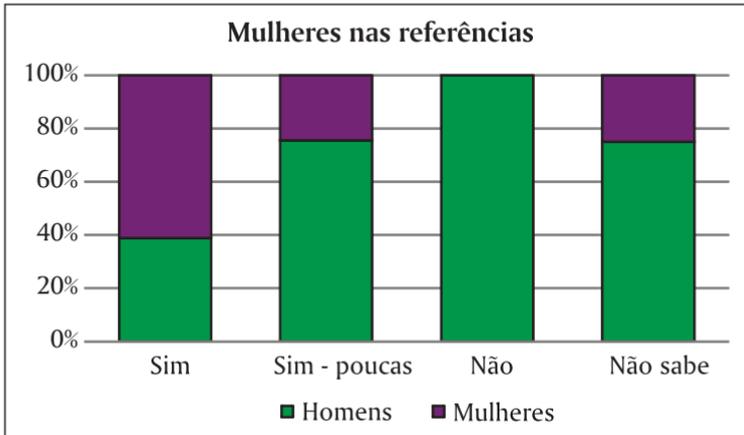


Gráfico 37

Essa proporção aumenta ainda mais quando se consideram apenas as dissertações produzidas na Área de Religião e Educação. Isso mostra que, nessa área específica, proporcionalmente são apresentadas mais referências de obras produzidas por mulheres do que nas demais. Além disso, é possível afirmar que homens apresentam menos referências a obras escritas por mulheres de modo geral e que esses trabalhos são proporcionalmente mais desenvolvidos na Área de Teologia Histórico-Sistemática.

TESES DE DOUTORADO

A pesquisa identificou no acervo da Biblioteca da Faculdades EST 109 Teses de Doutorado, assim distribuídas:

Autoria		Orientação	
Homens	Mulheres	Orientadores	Orientadoras
66	43	95	14

Tabela 17

Área			Referências	
TB	TP	TS	Presença de autoras	Ausência de autoras
18	56	35	106	3

Tabela 18

O relativo equilíbrio observado na distribuição das dissertações de Mestrado produzidas por **homens e mulheres** não se manifesta nas teses de Doutorado. Aqui percebe-se um maior domínio dos homens, produzindo 61% e orientando 87% das teses identificadas. Na evolução cronológica o número de teses produzidas por homens é geralmente superior ao número de teses produzidas por mulheres (com exceção dos anos de 1998, 2003 e 2006), apresentando, assim como no Mestrado, uma redução no número de documentos nos últimos anos analisados pela pesquisa. Mesmo com uma predominância absoluta de teses **orientadas** por homens, proporcionalmente,

também aqui o índice de docentes mulheres que orientam estudantes mulheres é levemente superior aos demais. As teses orientadas por mulheres estão assim distribuídas:

Orientadora	Número de Teses
Eliane Gleci Neuenfeldt	2
Gisela I. W. Streck	2
Laude Erandi Brandenburg	1
Sandra Vidal Nogueira	1
Valburga Schmied Streck ¹⁰³	2
Wanda Deifelt	6

Tabela 19

Na tabela, além da Professora Doutora Márcia Paixão, também não aparece a Professora Doutora Marga Janete Ströher, ambas atuantes no projeto Programa de Gênero e Religião, como orientadoras de Doutorado. No caso da Professora Doutora Marga Ströher, isso é ainda mais estranho, considerando sua atuação na instituição antes de assumir a coordenação do projeto. Destacam-se novamente as professoras ligadas à Área de Teologia Prática, embora com uma presença menos relevante numericamente do que no caso das dissertações de Mestrado.

Com relação à Área, no entanto, há uma mudança. Ainda que o volume de teses de Doutorado produzidas na Área de Teologia Prática continue sendo maior (51%), ele

103 Uma das teses foi coorientada por Angela Ales Bello.

é inferior ao de dissertações de Mestrado na mesma área. Com isso, há um número maior de teses produzidas na Área de Teologia Histórico-Sistemática e Teologia Bíblica (correspondendo a 32% e 17% respectivamente). Na distribuição dos documentos por sexo, percebe-se novamente uma maior presença de homens nessas áreas, como mostram os gráficos a seguir:

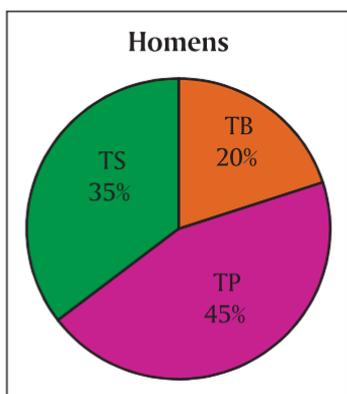


Gráfico 38

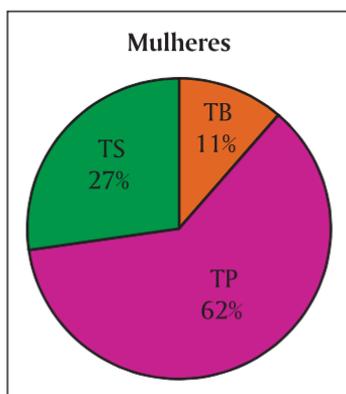


Gráfico 39

Ainda que o número de orientadoras seja muito baixo para uma análise mais precisa em termos proporcionais, é na Área de Teologia Prática que está a maioria das teses orientadas por docentes mulheres (10), com apenas quatro (4) orientadas por mulheres na Área de Teologia Histórico-Sistemática e nenhuma na Área de Teologia Bíblica. Seis (6) das dez (10) teses produzidas na Área de Teologia Prática e orientadas por mulheres são da Área de Religião e Educação. O que chama à atenção nessa área quando analisada separa-

damente da Teologia Prática é o fato de que, diferentemente do mestrado, o número de teses produzidas por mulheres nessa aqui também é inferior ao número de teses produzidas por homens. Isso revela que o Doutorado, no período analisado, é domínio de pesquisadores e orientadores homens que desenvolvem suas pesquisas nas Áreas de Teologia Histórico-Sistemática e Teologia Bíblica, sendo que as mulheres desenvolvem suas pesquisas majoritariamente na Área de Teologia Prática – com exceção da Área de Religião e Educação, que também é dominada por homens. O significado disso para a produção teológica feminista e/ou de gênero é analisado no Capítulo 5.

No geral, percebe-se uma maior presença de obras escritas por mulheres nas **referências** das teses de Doutorado. Surpreende, novamente, que três (3) teses tenham sido produzidas sem consulta a nenhum material escrito por mulheres, especialmente considerando a amplidão bibliográfica necessária para a produção de uma tese. Além disso, há também teses em que há menos de 5 obras escritas por mulheres e outras em que há poucas mulheres mencionadas nas referências.

Presença de até 5 obras escritas por mulheres nas referências		Presença de poucas obras escritas por mulheres nas referências	
Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
8	1	29	8

Tabela 20

Assim, proporcionalmente, há uma pequena diferença com relação à presença de obras escritas por mulheres nas referências quando comparadas teses de Doutorado (53%) e dissertações de Mestrado (57%). As mulheres seguem sendo responsáveis pela maior referência a obras produzidas por mulheres, como mostra o gráfico a seguir .

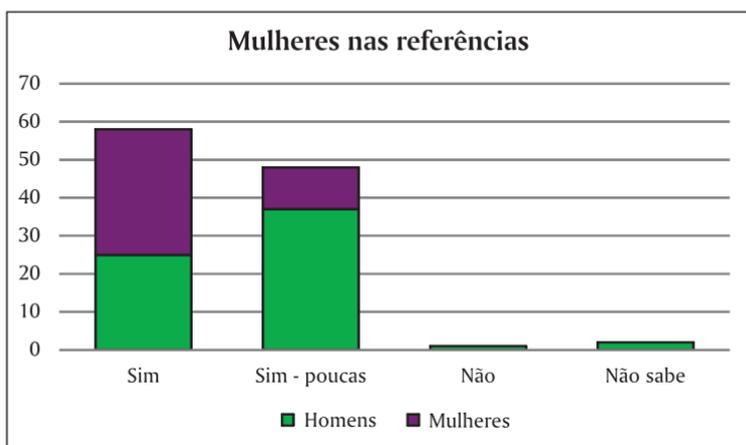


Gráfico 40

Assim como no caso das dissertações de Mestrado, também nas teses de Doutorado, quando olhadas separadamente, é possível perceber uma maior presença de referências a obras escritas por mulheres na Área de Religião e Educação, aumentando o número geral dessas referências. Também aqui são os homens que usam menos referências de mulheres – e isso se mostra mais evidente na Área da Teologia Histórico-Sistemática.

PRODUÇÃO TEOLÓGICA FEMINISTA E/OU DE GÊNERO

Considerando as categorias definidas para análise dos documentos, a pesquisa revela o seguinte quadro em termos de produção teológica feminista e/ou de gênero no Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST:

	Não-feminista	Presença significativa de mulheres nas referências	Inclui discussão sobre gênero e/ou feminismo	Sobre gênero	Feminista e/ou de gênero
Dissertações	114 (47%)	27 (11%)	69 (28%)	8 (3%)	26 (11%)
Teses	28 (26%)	19 (17%)	37 (34%)	11 (10%)	14 (13%)
Total	142 (40%)	46 (13%)	106 (30%)	19 (6%) ¹⁰⁴	40 (11%) ¹⁰⁵

Tabela 21

-
- 104 Escritos por homens: TD48 (*Deus está presente – o diabo está no meio: o protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro*); TD52 (*Amor plural: unidade e diversidade nas tradições do Cântico dos Cânticos*); TD79 (*Crônicas de la afronegitud en América: la autonomía interpretativa de los afrodescendientes en la tradición cristiana*); TD89 (*O ethos cultural amazônico em Dalcídio Jurandir: aportes para uma teologia amazônica*); TD92 (*Os rearranjos sociais dos sujeitos diante da violência institucionalizada*). Escritos por mulheres: TD8 (*As contribuições da terapia estrutural de famílias e da terapia narrativa para o aconselhamento pastoral com famílias multiproblemáticas de baixos recursos*); TD26 (*A reflexão teológica como obra do amor*); TD36 (*Diaconia e culto cristão: resgate de uma unidade essencial e suas consequências para a vida das comunidades cristãs*); TD77 (*A criatividade do amor criante de Deus: uma vivência de cura na criação artística*); TD80 (*A ritualização das passagens da vida: desafios para a prática litúrgica da Igreja*); TD81 (*La Iglesia como comunidad sanadora: desafíos para la Iglesia Episcopal de Cuba*).

- 105 Esses trabalhos serão discutidos no último capítulo desse livro.

Graficamente isso se expressa da seguinte forma:

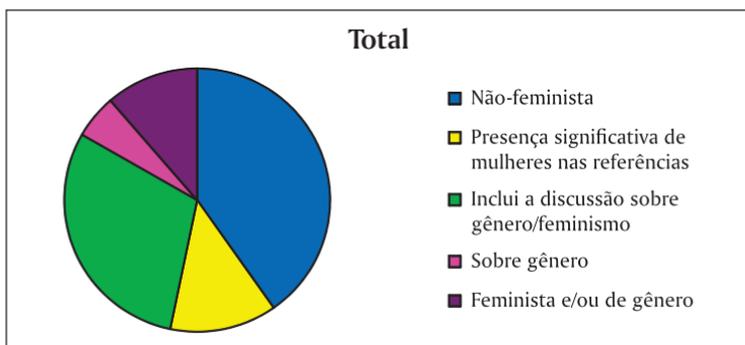


Gráfico 41

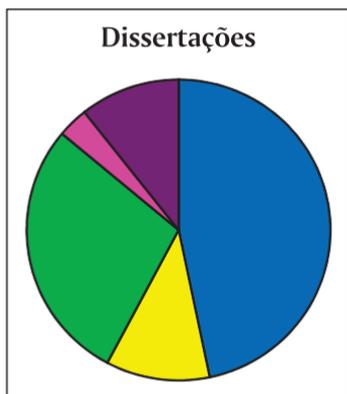


Gráfico 42

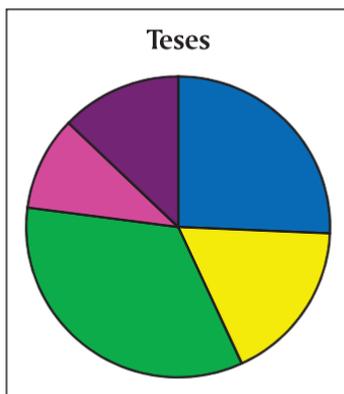


Gráfico 43

Embora a discussão teológica feminista e/ou de gênero apareça num período posterior no Programa de Pós-Graduação (em comparação com o Bacharelado em Teologia – Gráfico 30), percebe-se um maior impacto dessa discussão no geral

das dissertações e teses produzidas. Isso é visível especialmente no Doutorado, onde o número de teses “não-feminista” é menor e o número de teses classificadas como “feminista/gênero” e “questões de gênero” é maior comparado com as dissertações de Mestrado. Há também um maior número de documentos que “incluem feminismo/gênero” e que apresentam “mulheres nas referências”, ainda que essas obras sejam produzidas em outras áreas e não com reflexão feminista e/ou de gênero.

Distribuída cronologicamente, essa produção se mostra da seguinte maneira (incluindo Mestrado e Doutorado):

Produção Teológica Feminista e/ou de Gênero PPG (1991-2012)

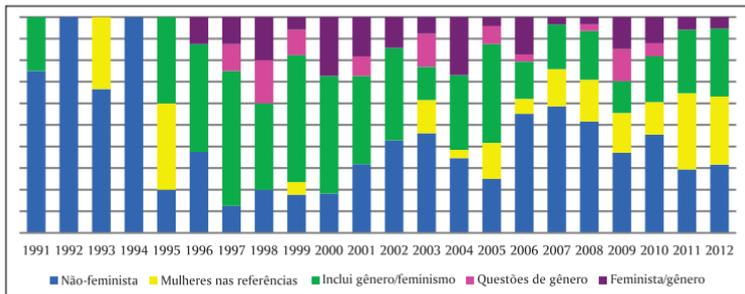


Gráfico 44

Produção Teológica Feminista e/ou de Gênero PPG (1991-2012) – Homens

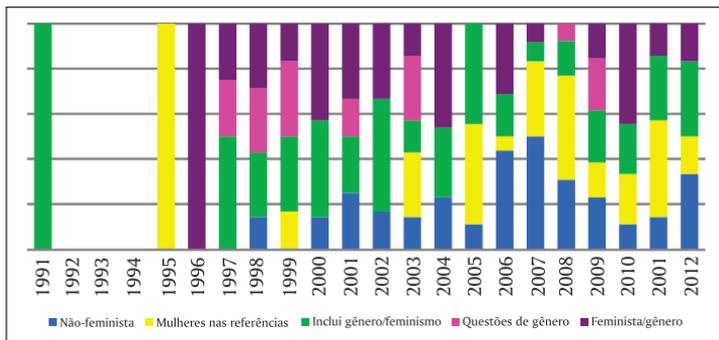


Gráfico 45

Produção Teológica Feminista e/ou de Gênero PPG (1991-2012) – Mulheres

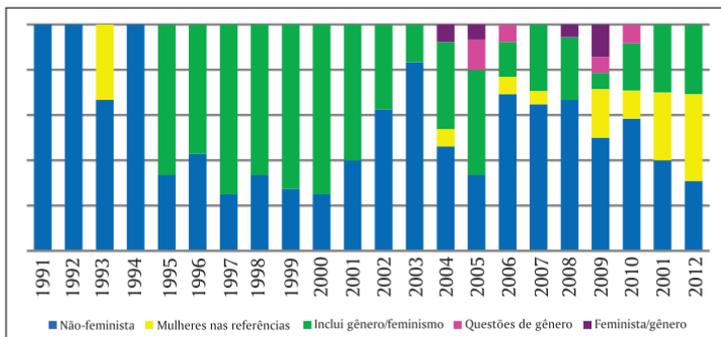


Gráfico 46

Além de revelar que uma produção teológica feminista e/ou de gênero mais consistente no âmbito da pós-graduação

se inicia num período posterior comparado ao Bacharelado, o quadro geral revela um grande impacto da discussão feminista e/ou de gênero nas diversas categorias definidas nesta pesquisa. E como revelam os gráficos segundo sexo do/a autor/a, esse impacto é sentido principalmente na produção científica desenvolvida por mulheres.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

A discussão sobre Teologia Feminista e Estudos de Gênero demorou algum tempo para ser incorporada no Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST. Uma presença mais significativa de mulheres desenvolvendo pesquisas na pós-graduação também ocorre apenas num período posterior, permanecendo inferior ao número de homens, particularmente no Doutorado. As monografias indicadas e disponibilizadas na Biblioteca da instituição revelam isso de maneira especial dado o período em que são produzidas (1991-2001), embora os dados não sejam definitivos.

Ainda assim, o impacto da discussão teológica feminista e/ou de gênero se faz sentir ao longo dos anos de maneira muito mais evidente do que no Bacharelado. A principal contribuição para tanto é uma significativa presença de mulheres desenvolvendo suas pesquisas na Pós-Graduação, de maneira especial na Área da Teologia Prática e, mais especificamente, na Área de Religião e Educação. O mesmo não se pode dizer com relação à orientação das pesquisas, uma vez que há mais mulheres orientando trabalhos na

graduação do que na pós-graduação. Ou seja, as docentes mulheres orientam proporcionalmente menos trabalhos na pós-graduação do que os docentes homens. Considerando uma maior presença da discussão feminista e/ou de gênero no conjunto das dissertações e teses, isso poderia significar que ou os docentes homens incorporam este debate no processo de orientação ou que as estudantes mulheres (proporcionalmente maioria em relação aos docentes homens) assumem tais questões em suas pesquisas mesmo quando a orientação não o faz.

Como já afirmando ao longo deste capítulo, o Programa de Pós-Graduação se configura como um espaço de produção de conhecimento onde a maioria são homens (estudantes e orientadores) desenvolvendo suas pesquisas proporcionalmente mais na Área de Teologia Histórico-Sistemática e Bíblica no âmbito do Doutorado e usando menos obras produzidas por mulheres no desenvolvimento de suas pesquisas. Outras questões relativas à produção teológica feminista e/ou de gênero são abordadas no capítulo seguinte.

Produção Teológica Feminista e/ou de Gênero na Faculdades EST (1991-2012)

A pesquisa realizada no acervo da Biblioteca da Faculdades EST identificou 871 documentos. Desses, 247 foram produzidos antes de 1991 e 624 foram produzidos de 1991 a 2012. Eles estão assim distribuídos.

Período	Bacharelado	Pós-Graduação		
		Monografias	Dissertações	Teses
Antes de 1991	238	1	8	-----
1991-2012	255	16	244	109

Tabela 22

Esses documentos foram analisados separadamente segundo as informações coletadas e as categorias de análise pre-

definidas nos capítulos anteriores. Para o período em análise (1991 a 20012), o volume de documentos identificados soma 624. Com base nesse número, a partir das diferentes categorias criadas para o agrupamento temático dos documentos, tem-se a seguinte distribuição.

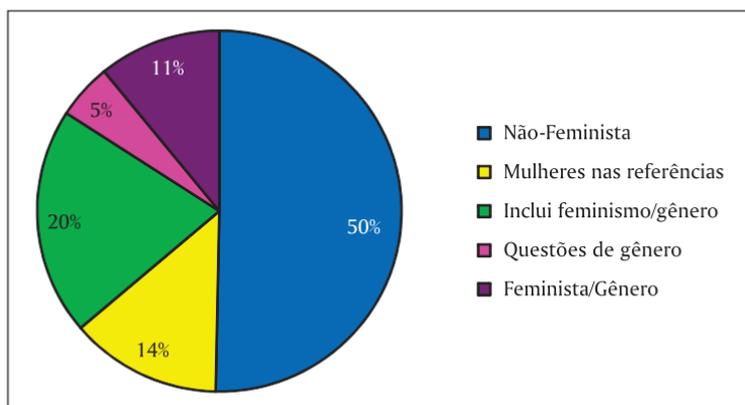


Gráfico 47

No que se segue, cada uma dessas categorias será analisada separadamente com atenção especial para seu lugar na produção teológica feminista.

PRODUÇÃO TEOLÓGICA NÃO-FEMINISTA E/OU DE GÊNERO

O primeiro grupo de documentos refere-se àqueles nos quais não foi identificada nenhum dos elementos usados para definir a presença de reflexão feminista e/ou de gênero. A

maioria absoluta do total (297) desses trabalhos foi produzida por estudantes homens e orientada por docentes homens. Ainda assim, 71 foram produzidos por estudantes mulheres e 26 orientados por docentes mulheres. É o grupo no qual há menos referências a obras escritas por mulheres. Destaca-se um grande número de trabalhos produzidos na Área de Teologia Histórico-Sistemática, mesmo que não superando aqueles produzidos na Área de Teologia Prática. Com relação a essa área em específico, chama a atenção um grande número de trabalhos produzidos na Área de Religião e Educação, especialmente no Mestrado, onde há mais estudantes e docentes mulheres. Isso demonstra que o fato de ter estudantes e docentes mulheres não necessariamente significa uma reflexão teológica feminista e/ou de gênero como está sendo compreendida nesse livro.

PRODUÇÃO TEOLÓGICA COM PRESENÇA SIGNIFICATIVA DE MULHERES NAS REFERÊNCIAS

A classificação de um grupo de documentos nessa categoria se dá pelo fato de usarem um número significativo de obras escritas por mulheres como referências, embora tais obras não sejam identificadas como feministas e/ou discutindo questões de gênero a partir dessa categoria de análise. Os trabalhos produzidos no Bacharelado e classificados nesse grupo foram todos (18) produzidos por homens. No Mestrado e no Doutorado ocorre o inverso, sendo que a maioria é produzida por estudantes mulheres. Já em termos de orientação,

em todos os níveis a maioria dos documentos identificados foi orientada por docentes homens. Isso pode revelar, especialmente na pós-graduação, que, mesmo quando orientadas por homens, as mulheres usam mais obras produzidas por mulheres do que os estudantes homens.

O dado mais expressivo, no entanto, diz respeito à área em que as pesquisas foram desenvolvidas. Dos 64 trabalhos classificados nesse grupo, 54 foram produzidos na Área de Teologia Prática, sendo que destes 29 foram produzidos na Área de Religião e Educação. Isso confirma a suspeita que vinha sendo levantada ao longo dos capítulos anteriores de que há não apenas uma maior concentração de estudantes e orientadoras mulheres na Área de Teologia Prática, mas também que é a Área na qual há maior referência a obras escritas por mulheres. Como dito, essas obras são, em sua maioria, de outras áreas do conhecimento, geralmente também de áreas mais ligadas a questões “práticas” nas quais há uma maior presença de mulheres desenvolvendo pesquisas. Embora esse seja um dado importante para perceber em que espaços se dá a produção do conhecimento por parte das mulheres, no que diz respeito à produção teológica feminista e/ou de gênero vale destacar que os documentos que compõem esse grupo e as obras usadas como referências não utilizam referenciais teóricos e metodológicos do campo feminista e/ou de gênero.

PRODUÇÃO TEOLÓGICA QUE INCLUI A DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO/FEMINISMO

Os documentos classificados nesse grupo apresentam uma variedade de formas de “incluir a discussão sobre gênero e/ou feminismo”. Em alguns casos o elemento utilizado para essa classificação não é tão significativo, como o uso de linguagem inclusiva no título, por exemplo, ou a presença de poucos textos (às vezes um ou dois) sobre mulheres, feministas e/ou de gênero. Essa classificação se justifica tendo em vista que se quer demonstrar o impacto da teologia feminista e/ou dos estudos de gênero. Nesse sentido, os 141 trabalhos identificados apresentam algum elemento que permite perceber a influência da discussão nessa área nas pesquisas desenvolvidas, sendo a sua maioria produzida na pós-graduação, com apenas 19 trabalhos do Bacharelado em Teologia.¹⁰⁶

Em todos os níveis prevalece o número de pesquisas produzidas e orientadas por homens nesse grupo. A alteração que se percebe é no Mestrado, onde o número de trabalhos produzidos por mulheres é praticamente igual ao produzido por homens (36 por homens para 33 por mulheres) e também há um número relativamente maior de pesquisas orientadas por docentes mulheres (em comparação com o Bacharelado

106No caso da pós-graduação, esse grupo foi subdividido considerando a maior ou menos presença dos elementos classificatórios. Nesse sentido, 52 pesquisas (31 dissertações e 21 teses) apresentam alguns dos elementos e 54 (38 dissertações e 16 teses) preenchem de maneira mais completa os elementos dessa categoria nas dissertações e teses.

e o Doutorado). Não por acaso, também é no Mestrado que há um maior número de pesquisas produzidas na Área de Teologia Prática (42 documentos) e onde há mais trabalhos com número significativo de obras escritas por mulheres nas referências (46 documentos). Confirma-se, mais uma vez, que mais estudantes mulheres orientadas por docentes mulheres utilizam referências produzidas por mulheres, com a diferença de que, nesse grupo específico, essas pesquisas “incluem a discussão sobre feminismo e/ou gênero”. No entanto, considerando o alto número de pesquisas orientadas por homens (também no Mestrado – 57), é possível supor que são as estudantes mulheres que fazem essa aproximação mesmo sem o incentivo do orientador, a menos que os orientadores não sejam os mesmos que aqueles identificados dos grupos anteriormente mencionados, o que não foi possível verificar.

Proporcionalmente, no entanto, esse grupo é bastante representativo do ponto de vista da produção teológica feminista e/ou de gênero, incluindo essa produção nas suas pesquisas, uma vez que representa 20% do total de trabalhos produzidos entre 1991 e 2012.

PRODUÇÃO TEOLÓGICA SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO

Este grupo de documentos é o menor numericamente, representando 5% dos materiais analisados (31 documentos). Sua importância está no fato de que, mesmo não sendo classificada como produção teológica feminista e/ou de gênero, há uma grande influência dessa área do conhecimento nas

pesquisas desenvolvidas. Isso se dá principalmente através do uso de referências teológicas feministas e/ou de gênero incorporadas na discussão ao longo do trabalho ou pela inclusão dessa discussão em pontos específicos. Em alguns casos, a discussão de “questões de gênero”, sobre papéis sociais assumidos por mulheres e homens ou mesmo a discussão sobre sexualidade, não necessariamente parte de uma perspectiva feminista de uma maneira contundente, mas de alguma forma também incluem essa perspectiva no desenvolvimento das temáticas propostas.

Nesse sentido, *gênero* não é uma categoria tão presente nos documentos pesquisados. Nos trabalhos desenvolvidos no Bacharelado, por exemplo, o conceito aparece pela primeira vez num trabalho produzido em 1994, num texto constante das referências bibliográficas. Além de não ser muito comum (em comparação com o termo *feminista*), quando empregado isso nem sempre é feito dentro de uma perspectiva feminista, especialmente em trabalhos mais recentes. Portanto, a apropriação dessa categoria de análise e o seu emprego como qualificativo da produção científica desenvolvida não aparece com tanta força na produção teológica desenvolvida nos trabalhos acadêmicos, dissertações e teses produzidos na Faculdades EST e disponibilizados em sua Biblioteca.

Os títulos dos trabalhos classificados nesse grupo e mencionados ao longo dos capítulos precedentes revelam uma grande diversidade temática e uma significativa presença de homens, tanto como pesquisadores quanto como orientadores. No caso dos trabalhos produzidos no Bacharelado em

Teologia, a falta de informações dificulta uma análise mais precisa dos documentos identificados quanto à orientação e a área. Mesmo assim, esse é o único nível de formação em que o número de orientadoras mulheres (5) supera o número de orientadores homens (1).¹⁰⁷ Na pós-graduação prevalece a maioria de orientadores homens tanto no Mestrado quanto no Doutorado. No caso do Mestrado, por exemplo, existe apenas um (1) trabalho produzido por homem nessa categoria e é orientado por mulher, sendo sete (7) trabalhos produzidos por mulheres e orientados por homens. Também aqui é possível supor que o interesse na discussão de gênero venha mais das estudantes do que de seus orientadores. Da mesma forma chama à atenção o fato de que esse é o grupo de documentos discutidos até agora em que há um equilíbrio entre as pesquisas desenvolvidas na Área de Teologia Prática e na Área de Teologia Histórico-Sistemática.

Ou seja, esse grupo de documentos, ainda que pequeno, caracteriza-se por uma grande presença de docentes homens orientando estudantes mulheres (e vice-versa), desenvolvidos nas áreas de Teologia Prática (13) e Teologia Histórico-Sistemática (11).¹⁰⁸

107 Em seis (6) trabalhos não foi possível identificar informações sobre orientação.

108 Em três (3) trabalhos produzidos no Bacharelado não foram encontradas informações com relação à área.

PRODUÇÃO TEOLÓGICA FEMINISTA E/OU DE GÊNERO

Todos os grupos de trabalhos apresentados até aqui (com exceção do primeiro) apresentam elementos relevantes do ponto de vista da produção teológica feminista e/ou de gênero e revelam o impacto dessa discussão na Faculdades EST em todos os níveis de formação. Esse último grupo, no entanto, preenche todos os critérios estabelecidos pela pesquisa para a identificação dessa produção na instituição. Trata-se de um conjunto significativo de obras que não pode ser ignorado na instituição ou fora dela. São 24 trabalhos acadêmicos produzidos no bacharelado em Teologia, 26 dissertações de Mestrado e 14 teses de Doutorado somando 68 volumes.

Como visto, há também homens que desenvolveram suas pesquisas na instituição e que foram classificadas como produção teológica feminista e/ou de gênero. Trata-se de quatro (4) trabalhos acadêmicos do Bacharelado em Teologia, três (3) dissertações de Mestrado e uma (1) tese de Doutorado. Considerando a maioria de docentes homens atuando na instituição, há também homens que orientaram pesquisas: nove (9) no Bacharelado,¹⁰⁹ treze (13) no Mestrado e sete (7) no Doutorado. Mesmo assim, esse grupo de documentos, além daquele com presença significativa de mulheres nas referências, apresenta em sua maioria pesquisas orientadas por mulheres: treze (13) no Bacharelado; treze (13) no Mestrado; e sete (7) no Doutorado. Destaca-se aqui o trabalho desenvolvido pelas

109 Em seis (6) trabalhos produzidos no Bacharelado não foram encontradas informações com relação à orientação.

professoras responsáveis pela Cátedra de Teologia Feminista e pelo Programa de Gênero e Religião:

Orientadoras ¹¹⁰	Pesquisas orientadas		
	Bacharelado	Mestrado	Doutorado
Wanda Deifelt	8	7	5
Elaine Gleci Neuenfeldt	2	1	1
Marga Janete Ströher	2	2	0

Tabela 23

Outro elemento que chama à atenção nesse grupo de documentos é que é aquele em que há maior equilíbrio com relação às áreas em que foram desenvolvidas as pesquisas: 12 na Área de Teologia Bíblica; 21 na Área de Teologia Prática; e 23 na Área de Teologia Sistemática. Esse dado contrasta com o fato de que a maioria total das pesquisas e aquelas produzidas por mulheres foram desenvolvidas na Área de Teologia Prática, assim como é essa a área na qual há maior número de docentes mulheres. Esse maior equilíbrio, combinado com o fato de que a maioria dos documentos identificados como teologia feminista e/ou de gênero foi orientado pelas docentes responsáveis pela Cátedra de Teologia Feminista e pelo Programa de Gênero (um delas com formação na Área de Teologia Históri-

110 Não se identificou nenhuma pesquisa classificada como teologia feminista e/ou de gênero orientada pela Professora Doutora Márcia Paixão e há pesquisas orientadas pelas professoras mencionadas que não foram classificadas nesse grupo.

co-Sistemática – com atuação por um período maior – e duas com formação na Área de Teologia Bíblica), por si só revela a importância de sua atuação e dos espaços institucionais mencionados para a existência dessa produção.

Assim, ainda que o objetivo último da teologia feminista e/ou de gênero seja que a sua especificação deixe de ser necessária, fazendo com que suas reflexões e práticas sejam assumidas pela produção teológica como um todo, a existências dos espaços institucionais mencionados mostra-se profundamente relevante para que isso aconteça. Considerando o conjunto de documentos identificados nesse grupo, tem-se a seguinte evolução história a partir da criação da Cátedra de Teologia Feminista na Faculdades EST.

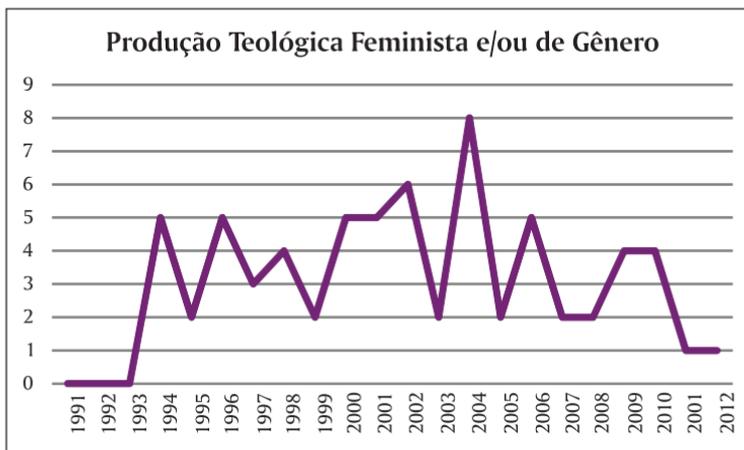


Gráfico 48

A existência de uma Cátedra de Teologia Feminista e, posteriormente, de um Núcleo de Pesquisa de Gênero, com docentes identificadas com essas áreas revela-se fundamental para a pesquisa desenvolvida. Olhando especificamente para a produção teológica feminista e/ou de gênero, percebe-se que é no período de sua existência que há uma maior produção, diminuindo de maneira drástica com a ausência de docente especificamente contratado/a para essa área a partir de 2008 e considerando também as condições restritas de atuação do Programa de Gênero e Religião desde sua criação em 2009. Exemplo disso é o fato de não terem sido identificados documentos nesse grupo (e também nos demais para trabalhos produzidos por mulheres) depois de 2008 no Bacharelado e poucos no Mestrado e Doutorado.¹¹¹

Também é importante destacar o papel da formação no âmbito do Bacharelado para a continuidade da formação no âmbito da pós-graduação. As próprias docentes contratadas para desenvolver os projetos Cátedra de Teologia Feminista e Programa de Gênero e Religião cursaram o Bacharelado em Teologia na Faculdades EST. No caso de Wanda Deifelt, seu envolvimento com a Teologia Feminista é comprovado por trabalho acadêmico produzido na área de Bacharelado (1984) e seus estudos de Pós-Graduação foram realizados fora do país. No caso de Elaine Neuenfeldt, suas pesquisas

111 Considerando que o período de pesquisa de Mestrado é, geralmente, de dois anos e de Doutorado de quatro anos, as primeiras Dissertações e Teses identificadas praticamente coincidem com a criação da Cátedra de Teologia Feminista e as últimas pesquisas com a criação do Programa de Gênero e Religião.

no Bacharelado, no Mestrado e no Doutorado fazem parte dos documentos identificados nessa pesquisa e no caso de Marga Ströher suas pesquisas de Mestrado e Doutorado. Além disso, há dois casos em que as pesquisas de estudantes do Bacharelado aparecem nesse grupo de documentos no Bacharelado, Mestrado e Doutorado, dois casos em que as pesquisas aparecem no Bacharelado e Mestrado, um caso em que aparece no Mestrado e Doutorado. Também há oito pesquisas de Mestrado e duas de Doutorado classificadas como Teologia Feminista e/ou de Gênero que foram produzidas por estudantes egressas do Bacharelado em Teologia. Esses dados revelam um significativo número de estudantes do Bacharelado que continuaram suas pesquisas na Pós-Graduação afirmando a importância do trabalho desenvolvido nesse âmbito da formação teológica.

As listas dos documentos classificados nesse grupo (apresentadas abaixo) revelam a abrangência e o volume da produção teológica feminista e/ou de gênero na Faculdades EST e sua contribuição para a reflexão teológica como um todo. Ainda assim, representa apenas uma parte do que foi produzido na instituição (e que muitas vezes permanece invisível). Precisariam ainda ser considerados os trabalhos e as pesquisas não disponibilizados na Biblioteca e os que foram interrompidos por desistência ou falta de motivação. Entraria também nessa conta artigos e livros produzidos por docentes e estudantes ao longo dos anos e publicados em diversos lugares e idiomas. Além disso, eventos acadêmicos, assessorias a cursos, atividades profissionais de

quem produziu esse material, que, de alguma forma, foi impactada/o por essa produção, os encontros e conversas informais, as assembleias, movimentos e ações cotidianas de enfrentamento do machismo, do sexismo e do heterossexismo e que continua sonhando e trabalhando por outros mundos possíveis.

A redução do número de pesquisas desenvolvidas nessa área do conhecimento coloca a pergunta pelo seu papel institucional, mas também por sua relevância no contexto atual. Serão necessárias ainda ações afirmativas como a criação e manutenção de Cátedras, Núcleo, Programas e linhas de pesquisa nessa área? Será ainda necessária a Teologia Feminista e/ou de Gênero?

Eu acho que sim!

TRABALHOS ACADÊMICOS DO BACHARELADO EM TEOLOGIA

Chamada	Ano	Título	Autor/a
Antes de 1991			
T73	1982	A questão da mulher a partir das classes populares	Lori Altmann
T113	1984	A relevância de Maria Madalena na cena da Ressurreição (Jo 20.1-18), considerando o contexto do Evangelho de João	Wanda Deifelt
T117	1984	Um ensaio geral sobre Hermenêutica e uma apresentação crítica de Hermenêuticas Feministas de Libertação	João Guilherme Biehl
T148	1986	Isaías 35: uma Hermenêutica poética	Mayke Marliese Kegel
T170	1988	O falar de Jesus sobre Deus como pai nos evangelhos sinóticos e suas implicações para uma Teologia Feminista	Ruth L. Wincler Musskopf
T268	1990	Falando de conscientização e organização com mulheres	Elaine Neuenfeldt
1991-2012			
T328	1994	As mulheres em direção ao estudo teológico	Ilze Zirbel e Vânia Moreira Klen
T333	1994	Catálogos domésticos: sinal e motor do processo de patriarcalização da Igreja	Aneli Schwarz
T334	1994	O corpo para cristãos e cristãs do século II a V	Nara Lúcia de Albuquerque Luna
T336	1994	Cristologia feminista	Karen Bergesch
T338	1994	Buscando por uma ética feminista de libertação sexual	Aneli Schwarz
T347	1995	O aconselhamento pastoral a partir de uma ótica feminista	Carla Andrea Grossmann

Chamada	Ano	Título	Autor/a
T371	1995	Silêncio no paraíso: sobre o uso de elementos culturais na opressão da mulher	Marcia Blasi
T369	1996	Muçulmanas em movimento: caminhando no mundo islâmico	Renate Gierus
T375	1996	Manchas roxas: violência contra a mulher	Nilton Eliseu Herbes
T377	1996	A mariologia da Igreja Católica Romana: uma avaliação crítica	Roili Borchardt
T400	1996	As mulheres e o ministério ordenado na Igreja: um estudo sobre a ordenação de mulheres na IECLB	Carla Suzana Krueger
T398	1997	Las prostitutas los predecerán en el reino de los cielos: una lectura teológico-feminista de la novela 'Tieta do Agreste'	Angélica Schenerock
T462	1997	Gn 2.4b-3.24: a base para a submissão feminina?	Ilaine Luedcke
T396	1998	Gl 3.28: ideal de vida comunitária ou uma proposta de transformação da sociedade?	Lovani Acélia Althaus
T409	1998	El nombrar como poder	Guillermina Chaparro Bermúdez
T438	1999	Em memória de mim: Maya Angelou e a importância das histórias pessoais	André S. Musskopf
T449	2000	Bioética, ética feminista: à procura de pontes para o aconselhamento	Sandra Kamien
T458	2000	As sendas do ecofeminismo no contexto Latino-americano: a natureza, a mulher e o mal	Luciano Ribeiro Camuzi
T461	2001	A fé que dança	Renilda Krause

Chamada	Ano	Título	Autor/a
T472	2002	A presença da liderança feminina: uma análise social e eclesial	Wantuil Dettmann
T473	2002	Mulher: gênese do pecado ou da salvação?	Cleibiana Seibel
T482	2002	Historiografia do Grupo de Mulheres	Dione Carla Baldus
T491	2002	No encontro com a sabedoria: um novo rosto de Deus	Neuzeli Ebert
T488	2003	Deus fala por elas: um estudo em torno das profetizas de ontem e de hoje	Adriana Weege
T524	2004	Não é fácil ser mulher, mas vale a pena: violência contra a mulher	Eli Elisia Deifeld
T543	2005	Igreja, Estado e arquétipos da mulher na República Velha, 1889 a 1930	Anna Letícia Schulz Vaz
T553	2007	Deficiência e culpa	Sônia Mara Duarte Hining
T565	2008	Mulheres no ministério ordenado: perspectivas e desafios	Ligiane Taiza Müller Fernandes

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO EM TEOLOGIA

Chamada	Ano	Título	Autor/a
TM 034	1997	Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil	Maristela Livia Freiberg
TM 036	1998	Casa igualitária e casa patriarcal: espaços e perspectivas diferentes de vivência cristã	Marga Janete Ströher
TM 042	1999	Liturgia e missão na perspectiva feminista	Carmen Etel Alves Gomes

Chamada	Ano	Título	Autor/a
TM 056	2000	História das mulheres cristãs: uma historiografia feminista do cristianismo na América Latina e no Caribe	Renate Gierus
TM 053	2000	Fruto maduro não volta a verde: promotoras legais populares: um estudo de caso	Mara Sandra Parlow
TM 059	2000	A dinâmica do poder na relação de violência doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral	Karen Bergesch
TM 063	2001	Sangue, fluxos e poderes: ditos e entreditos em torno do parto e da menstruação a partir de Levítico 12 e 15. 19-30	Elaine Gleci Neuenfeldt
TM 061	2001	Diaconia feminista: uma ressignificação do conceito de servir	Rosane Pletsch
TM 068	2001	Retorno às fontes para a atualização dos sonhos	Regina Coeli Freitas dos Santos
TM 085	2002	Comunidade eclesial: espaço terapêutico para a díade mãe-criança portadora de deficiência	Vera Luci Machado Prates da Silva
TM 093	2003	Redoma de vidro: faces re-veladas do contraponto de mulheres casadas com pastores no ministério eclesiástico	Marli Brun
TM 097	2004	Talar rosa: um estudo didático-histórico-sistemático sobre a Ordenação ao Ministério Eclesiástico e o exercício do Ministério Ordenado por homossexuais	André S. Musskopf
TM 100	2004	A desconstrução da família como instituição privada: desvelando a falácia da modernidade contra as mulheres	Elisa Weber

Chamada	Ano	Título	Autor/a
TM 103	2004	El anquilosamiento del proceso revolucionario cubano: una interpretación socio-teológica del cotidiano enfatizando en el filme Fresa y Chocolate	Nivia Ivette Núñez de la Paz
TM 126	2005	Em nome do amor te peço...com as minhas palavras e com o meu corpo: redescobrimdo masculinidades a partir da carta a Filêmon, Ápia e Arquipo	Daniel Sánchez Pereira
TM 144	2006	Casa Suzana Wesley: uma abordagem histórica do Abrigo para Meninas – 1994 a 2003, a partir da Categoria de Gênero	Marilúcia Fernandes Lima
TM 150	2006	La casa como espacio violento: develando salidas a partir de la teologia feminista	Irene Ricardina Ponce Hilario
TM 141	2006	O sujeito do discurso: uma leitura de gênero das Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista	Simone Silva Dorneles
TM 154	2007	O pontinho da balança: história do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil, na perspectiva do privado e do público	Scheila dos Santos Dreher
TM 210	2009	Do genérico ao gênero: as experiências masculinas como ponto de partida para o fazer teológico	Ezequiel de Souza
TM 201	2009	Perspectivas de uma política da convivência em Hannah Arendt: os direitos humanos como possibilidade de intersecção político-teológica problematizados pelo pensamento de Hannah Arendt	Kathlen Luana de Oliveira
TM 202	2009	Ecos de uma história silenciosa: grupos de OASE da IECLB	Sisi Blind

Chamada	Ano	Título	Autor/a
TM 237	2010	Mulheres e ordenação (na IECLB): novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado	Ligiane Taiza Müller Fernandes
TM 231	2010	A defesa da mulher vítima de violência doméstica: contribuições da ética cristã	Denise Pinto Vasconcelos
TM 245	2011	Jesus y la Samaritana: una lectura de Jn 4,5-26	Ana Maria Casarotti Peirano
TM 253	2012	Mulheres idosas e o HIV/AIDS: abordagens a partir do cuidado pastoral	Elisa Fenner Schröder

TESES DE DOUTORADO EM TEOLOGIA

Chamada	Ano	Título	Autor/a
TD 003	1996	Papa Tapia Rete Marangatu: que nossos corpos tenham sempre algo bom para contar ou a experiência religiosa guarani como ato de dizer-se	Graciela Chamorro
TD 011	1998	Educa-teologiza-ção: fragmentos de um discurso teológico: mulheres em busca de visibilidade através da narrativa transcriada	Edla Eggert
TD 024	2001	El poder de la sumisión: una mirada desde la ética feminista militante y no violenta al embarazo de mujeres jóvenes de sectores populares: estudio cualitativo y comparativo llevado a cabo en las Regiones Metropolitanas de Buenos Aires y Porto Alegre	Marcela Bosch
TD 029	2002	Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo: um estudo das Cartas Pastorais na perspectiva feminista	Marga Janéte Ströher

Chamada	Ano	Título	Autor/a
TD 040	2004	Práticas e experiências religiosas de mulheres no antigo Israel: um estudo a partir de Ez 8. 14-15 e 13. 17-23	Elaine Gleci Neuenfeldt
TD 045	2004	De corpos de conhecimento ao (re) conhecimento do corpo: elementos para a composição de uma epistemologia corporal no âmbito da fé	Mara Sandra Parlow
TD 041	2004	Da caridade cristã à assistência social: contribuições da teologia e do feminismo à cidadania	Rosane Pletsch
TD 043	2004	Espaços de cuidado, movimentos de ressurreição: teoria e método para o processo de acompanhamento pastoral terapêutico de grupos	Anete Roese
TD 059	2006	Além das grandes águas: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850: uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas	Renate Gierus
TD 055	2006	Recuperando espaços de emancipação na história de vida de ex-alunas de escola comunitária luterana	Claudete Beise Ulrich
TD 076	2008	Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia <i>queer</i> no Brasil	André S. Musskopf
TD 086	2009	Edith Stein e as questões de gênero: perspectiva fenomenológica e teológica.	Clelia Peretti
TD 095	2010	O erótico em Adélia Prado e Marcella Althaus-Reid: uma proposta de diálogo entre poesia e teologia	Genilma Boehler
TD 091	2010	Desde la grietas del poder: experiencias de gestión/acción de empoderamiento de mujeres: aportes para una teología feminista de resistencia, ciudadanía y transformación	Luzmila Casilda Quezada Barreto

Apoio:



La Iglesia Sueca



Essa publicação tem como objetivo dar “publicidade” a uma ampla e variada produção teológica desenvolvida na Faculdades EST e muitas vezes mantida na invisibilidade, inacessível a estudantes, pesquisadoras e pesquisadores de outros lugares, ausente dos catálogos das editoras. Ao fazê-lo, quer revelar e contribuir na construção e consolidação dessa área do conhecimento: a teologia feminista e/ou de gênero.

ISBN: 978-85-7733-238-0

